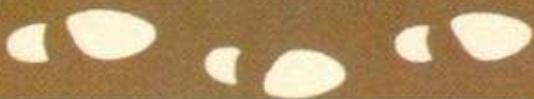


Coleção Primeiros Passos



Carlos A. P. Tavares

O que são COMUNIDADES ALTERNATIVAS



Nova Cultural / Brasiliense

Coleção Primeiros Passos

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

T229o Tavares, Carlos A. P., 1956-
O que são comunidades alternativas. /
Carlos A. P. Tavares. — São Paulo :
Nova Cultural : Brasiliense, 1985.
(Coleção primeiros passos ; 58).

Bibliografia.

1. Anarquismo 2. Grupos sociais 3.
Marginalidade social I. Título. II. Sé-
rie: Primeiros passos ; 58.

17. CDD-301.44
18. -301.4494
17. -321.07
18. -320.57

85-1099

Índices para catálogo sistemático:

1. Anarquismo : Política 321.07 (17.) 320.57 (18.)
2. Comunidades alternativas : Sociologia
301.44 (17.) 301.4494 (18.)

Carlos A. P. Tavares

O que são COMUNIDADES ALTERNATIVAS

**NOVA
CULTURAL**

brasiliense



Editora Brasiliense

1985

Ilustrações: Miguel Paiva
Revisão: José W. S. Moraes
José G. de Arruda

ÍNDICE

– Introdução	7
– Origens	14
– A experiência histórica	29
– O movimento contemporâneo no mundo: alternativos na Europa e Estados Unidos. . .	48
– O movimento alternativo Tupiniquim	62
– Uma explicação astrológica: a era de aquário	85
– Desenhando uma alternativa econômica . . .	88
– Minha conclusão	93
– Indicações para leitura	99

© Copyright 1983, by Carlos A. P. Tavares
© Copyright desta edição, Abril S.A. Cultural
e Editora Brasiliense S.A., São Paulo, 1985.

Publicado sob licença da Editora Brasiliense S.A., São Paulo.



INTRODUÇÃO

“Precisamos com urgência nos unir em torno dos nossos ideais comuns — única forma objetiva de termos alguma chance na luta com as forças antívida da destruição que assolam nossa vida e nossa terra — para, ao menos preservarmos um lugar de sobrevivência digno e saudável para nós e os nossos.”

(Manifesto da APROBO —
Associação dos Amigos da
Natureza dos Vales da
Bocaina — Minas Gerais,
Brasil)

Se algum militar irresponsável de qualquer uma das potências que imperam economicamente sobre o planeta, por acidente ou de forma premeditada, disparasse um foguete explodindo uma ogiva nuclear na Europa, isto daria início a um processo

de retaliação atômica que varreria do mapa milhares de cidades.

Ataques e contra-ataques se sucederiam, represálias atrás de represálias; e em 24 horas as explosões de 18 mil artefatos nucleares afetariam um bilhão e cem milhões de pessoas, um terço da humanidade. Seriam 750 milhões de mortos instantaneamente e e 350 milhões agonizantes.

Estes resultados foram estimados pela Academia de Ciências da Suécia, e nesta simulação foi considerada apenas a hipótese de que o conflito ficasse limitado ao hemisfério norte. Vale lembrar que após o início das hostilidades, mesmo que alguma das partes decidisse se render, dificilmente conseguiria comunicar a seu adversário suas intenções. A radiação impediria qualquer tipo de comunicação. Isto significa que a tendência é que todas as partes esgotem os seus arsenais nucleares até a destruição total.

Em junho de 83 a Academia de Medicina da União Soviética divulgou um estudo com conclusões mais pessimistas. Para os soviéticos uma guerra nuclear generalizada provocaria a morte imediata de mais de dois bilhões de pessoas. Avaliando que no confronto fossem lançados 10 mil megatons (9 mil no hemisfério norte e mil no hemisfério sul) os médicos soviéticos concluem que, além dos que morressem instantaneamente, cerca de 700 milhões de pessoas seriam condenadas à morte lenta por falta de serviços médicos e de meios para se tratar dos

efeitos da radioatividade sobre o organismo humano.

Os médicos soviéticos calculam que, só para administrar os primeiros socorros durante o enfrentamento nuclear, seriam necessários aproximadamente três milhões de centros de assistência, 300 milhões de médicos e 100 milhões de enfermeiros. Essa infra-estrutura é praticamente impossível, pois em todo o planeta existem apenas 3,5 milhões de médicos, e a maior parte deles morreria na catástrofe.

O terrorismo nuclear e a corrida armamentista promovida pelas grandes potências são apenas dois dos principais fatores que têm impulsionado a articulação do movimento comunitário alternativo nos dias de hoje.

De acordo com a ONU – Organização das Nações Unidas, as despesas militares mundiais são da ordem de mais de um milhão de dólares por minuto. Em 1982 a “Peace Pledge Union”, organização pacifista inglesa, divulgou um estudo demonstrando que o dinheiro que os governos do mundo gastam em duas semanas com armamentos daria para fornecer alimentação, moradia, água e educação para cada habitante do planeta durante um ano.

Muitos dos pré-aquarianos (mais adiante veremos o porquê desta denominação) que se organizam nas comunidades alternativas acreditam que o enfrentamento nuclear pode acontecer a qualquer momento. Além desta, outras catástrofes podem

ocorrer como resultado da agressão sistemática do homem à natureza. Estes são alguns dos motivos pelos quais o centro do Brasil, próximo ao paralelo 15, é considerado o lugar mais seguro para a implantação de comunidades alternativas.

Mas não é apenas no Brasil que isto está acontecendo, é no planeta Terra inteiro. Nos últimos meses vários trabalhos têm sido publicados analisando este fenômeno. Este trabalho é dedicado ao estudo de toda esta articulação alternativa composta pelo movimento comunitário urbano e rural, pela nova contracultura e por todas as variantes de movimentos que estão proliferando a olhos vistos. Também falaremos de todas as experiências históricas que pudemos levantar e que tiveram significado para o movimento alternativo contemporâneo.

A crise que a humanidade está atravessando é sem precedentes. É uma megacrise onde tudo está sendo colocado em xeque. É uma crise política, social, econômica, espiritual, ecológica... Nós a sentimos na carne. E, no entanto, é tão difícil descrevê-la. Comecei pintando um quadro do terrorismo estatal nuclear, mas o desespero não se encontra apenas nesta questão. Creio que a angústia começa a nos perturbar desde o momento em que o policial fardado a serviço de um governo que se diz nos representar exige os nossos documentos na rua. Em todos os cantos do planeta a juventude é obrigada a prestar serviço nos exérci-

tos de seus países. Dizem os teóricos da moral e do civismo que este é um dever do cidadão. Então ensina-se e aprende-se a matar quando o Estado assim o ordenar.

Para viver, ou sobreviver, é preciso trabalhar, e a luta para a conquista e manutenção de um emprego é uma competição onde cada indivíduo procura derrotar seu semelhante numa caçada sem nenhum respeito humano. A constante tensão da competição imposta a todos os seres humanos de todos os cantos do globo é uma violência que corrompe opressor e oprimido. E tal degradação parece aumentar à medida que a tecnologia se desenvolve, fazendo com que a raça humana pareça procurar cegamente a sua própria destruição.

A poluição industrial destruidora do meio ambiente é outro fator que agride a natureza e o homem, que é parte integrante desta. Embriagados com a visão do domínio sobre todas as forças naturais, os seres humanos estão se destruindo lenta e despercebidamente com a sua atividade predatória desenfreada. Se nos primórdios da civilização o homem sabiamente respeitava a vida animal e vegetal, matando e colhendo frutos somente na quantidade suficiente para a sua alimentação, nos dias atuais, visando o acúmulo de riquezas e o lucro, extingue-se espécies animais e envenena-se espécies vegetais.

O medo que assombra os que moram nas grandes cidades é como que uma paranóia que se manifesta

diariamente. Assaltos, batidas policiais, tóxicos, prostituição, assassinatos, atropelamentos, luta pelo poder, desemprego, violência, trabalho neurotizante, falta de amor . . .

As revoluções vencedoras que até agora se verificaram, e que prometiam uma vida com liberdade, igualdade e fraternidade, fracassaram e erigiram Estados cada vez mais centralizadores e ditatoriais. A Revolução Francesa foi corrompida, a Revolução Americana gerou um dos piores monstros imperialistas e a Revolução Russa a maior burocracia da face da Terra. O monstro Leviatã estende seus tentáculos a todos os lugares, tornando-se o senhor onipotente na vida dos homens.

Auxiliando as ditaduras dos governos está a ditadura do computador, que marca, identifica e vigia todos os cidadãos. É a besta fera do apocalipse que vigia o quanto recebemos, o quanto pagamos e o quanto recolhemos de imposto de renda. É a máquina à disposição do Estado pronta a nos reprimir, que conhece o nosso RG, CPF, endereço, idade, etc., etc., etc.

A barbaria das guerras e da fome assola o planeta e mata milhões de pessoas por ano. Muitas crianças não conseguem chegar sequer à idade adulta. Segundo um documento divulgado em março de 83 pela UNICEF – Fundação das Nações Unidas para a Infância, cerca de 40 mil crianças morrem diariamente por desnutrição na América

Latina, África e Ásia.

Estamos em 1984, o ano da ficção de George Orwell que se tornou realidade.

Mas apesar de tudo isso, como canta Raul Seixas – um dos profetas da Nova Era neste canto do planeta – “alguma coisa está acontecendo”. São as comunidades alternativas que surgem, crescem e propagandeam uma nova vida com valores completamente novos, totalmente diferentes dos valores desta moribunda civilização do segundo milênio. São os jovens que se marginalizam e recusam-se a participar de uma sociedade falida, iniciando o trabalho de construção da sociedade alternativa, a sociedade dos nossos sonhos.



ORIGENS

"O sol da noite agora está nascendo
 Alguma coisa está acontecendo
 Não dá no rádio nem está
 nas bancas de jornais
 Em cada dia ou em qualquer lugar
 um larga a fábrica, outro sai do lar
 e até as mulheres, ditas escravas
 não querem servir mais.

(...)

Querer o meu não é roubar o teu
 pois o que eu quero é só função de 'eu'
 Sociedade alternativa
 Sociedade Novo Aeon."

("Novo Aeon", Raul Seixas/
 Cláudio Roberto/Marcelo
 Motta)

O movimento comunitário alternativo que
 prolifera hoje em todos os cantos do planeta

tem uma grande herança no movimento da contracultura que, iniciada na década de 50, teve seu apogeu nos anos 60.

Já naquela época a debandada havia se iniciado com os jovens fugindo de casa e abandonando as escolas. Muitos, munidos apenas de uma mochila às costas, puseram o pé na estrada viajando contínuos de carona.

Durante os anos 50 há aquele papo todo da juventude transviada, época do aparecimento do *rock*, que, apesar de conter uma certa dose de violência gratuita (Hell Angel's, etc.), adquiriu grande importância para que os primeiros jovens passassem a desobedecer aos mais velhos e desrespeitassem os velhos valores. O balanço do *rock* contribuiu para a liberação das energias — foram os primeiros ensaios da liberação de corpo e mente.

A censura americana proibindo que Elvis Presley fosse filmado da cintura pra baixo enquanto dançava é o exemplo clássico da basbaquice absurda da sociedade americana daquela época. Daí o atentado ao pudor vir a ser uma arma de agressão contra a moralidade vigente e refletir o inconformismo juvenil.

No pós-guerra surge a geração existencialista na França, os seguidores de Sartre, Camus, e outros, que são os primos íntimos dos *beatniks*. É nos anos 50 que os *beatniks* aparecem. O termo *beat* foi criado por Jack Kerouac em seu livro *The town and the city*. O *beatnik* foi o primeiro gesto de

desobediência espontaneamente organizada (ou seria organizadamente espontânea?), tendo origem na frustração do meio intelectual que vivia a guerra fria, a tensão da guerra da Coréia ameaçando deflagrar a guerra nuclear, época também da caça às bruxas do macartismo. Fizeram parte do grupo inicial *beatnik* intelectuais de destaque como Kerouac, Carl Solomon, Norman Mailer, Kenneth Rexroth, Farlenghetti, Allen Ginsberg, entre outros. Os *beatniks* declaravam-se “neuróticos”, resultado da ansiedade imperante naqueles anos, e o grupo de Kerouac inclusive editava uma revista chamada *Neurótica* cujo lema era: uma publicação neurótica para neuróticos.

Com o correr do tempo os *beatniks* começam a tomar atitudes políticas de contestação, pregam a desobediência às autoridades constituídas e são os primeiros a iniciar-se nas práticas orientais buscando no zen-budismo um estado alterado de consciência. Muitos começam a deixar os cabelos e barbas crescerem, adotam a jaqueta de couro na cor preta (hoje utilizada pelos *punks*). Ocorrem os primeiros contatos com a maconha, alguns também experimentam o peiote (substância alucinógena extraída de um cacto do México).

Outro componente do movimento da contracultura naquela década eram os *hipsters*. Mais politizado que o *beatnik*, o *hipster* – vocábulo que significa “aquele que conhece, aquele que está por dentro” – não concordava com o pessi-

mesmo *beatnik* e passava a aprofundar um grande descontentamento para com o sistema. Foram eles que provocaram os primeiros distúrbios como os ocorridos na Universidade de Berkeley, na Califórnia.

No final dos anos 50 e início dos 60 o *beatnik* desaparece ao mesmo tempo que o *hipster* é absorvido pelo movimento *hippie*, que surge e cresce neste período. Apesar de absorvido pelo movimento *hippie*, na verdade são os *hippies* que adotam as perspectivas de transformação do *hipster*.

Os *hippies* começam a pregar o amor acima de tudo (*make love not war* – faça o amor, não a guerra –) e muitos fazem literalmente o amor em praça pública. Eles passam a apresentar uma postura de rebeldia originada no seio da juventude americana contra uma sociedade superindustrializada e puritana, onde a posse de bens materiais era o valor moral de peso.

Em 64 surgem os Beatles, que, após um breve começo comportadinho e dentro dos esquemas, em pouco tempo abalam o planeta com a sua contestação. Os Beatles passam a ser adorados pelos *hippies*, roqueiros por excelência. Nessa década o conjunto inglês incorpora em suas músicas e letras todas as possibilidades de alternativas em discussão: a guerrilha e o pacifismo; o amor e a desobediência; as drogas (“Lucy in the Sky with Diamonds”) e o misticismo (“Oh! My Sweet

Lord").

Aparece o LSD — o ácido lisérgico dietilamida — que começa a ser disseminado no Greenwich Village, o bairro boêmio de Nova Iorque lá por 61-62, e pouco tempo depois aparece em São Francisco, a capital do movimento *hippie*. Os maiores propagadores da droga foram Timothy Leary e Richard Alpert, psiquiatras e P.h.D. em psicanálise. Leary, que foi expulso do México por causa de suas experiências, chegou a elaborar com a sua comunidade uma filosofia baseada na utilização do LSD. Certa vez a revista *Rampart* afirmou que "o fenômeno *hippie* começou a transformar-se de acontecimento pessoal em social por volta de 1965, depois que os jovens de Berkeley aderiram ao LSD".

O LSD é uma alteração química do ácido lisérgico, é incolor e inodoro e sua ingestão provoca uma surpreendente intensificação das sensações, atuando sobre o hipotálamo e outros setores do cérebro. A utilização das drogas psicodélicas abre espaço para o vivenciamento de estados alterados de consciência ou — no dizer do ex-*hippie* Helder Carvalho — "abre as portas para o caminho espiritual, o caminho do autoconhecimento". Helder, que atualmente é dirigente da Comunidade Urbana Aurora Espiritual (RJ), afirmou num dos capítulos do livro de Leila Hakin (vide referências nas indicações para leitura) que "a droga não torna ninguém assassino, ladrão ou santo. Ela age como

impulsionadora destas qualidades. Nosso *Sanskara* (inconsciente) vem à tona. Em muitos de nós floresceram dons artísticos e passamos a dedicar-nos à dança, à música ou à pintura. Outros começaram a meditar, por horas a fio, sobre os mais incríveis conceitos filosóficos. Outros, que já não tinham nada de bom dentro de si, assumiam suas verdadeiras personalidades, tornando-se vítimas da própria violência. Outros, ainda, perderam o controle dessa intensa energia e fizeram uma viagem sem regresso — enlouqueceram".

As drogas eram uma forma artificial e perigosa de alcançar estados alterados de consciência e seus resultados eram temporários. Foi Richard Alpert quem descobriu este fato quando de sua visita ao Maharishi, na Índia. Richard ofereceu quatro bolinhas ao Maharishi, que as tomou todas de uma vez. O Mestre permaneceu no mesmo estado em que se encontrava. O ocorrido deixou Alpert perplexo, pois uma só bolinha era o suficiente para deixar um homem comum "viajando" por 72 anos. Então ele compreendeu que o estado de consciência conseguido artificialmente através da droga já era um estado comum ao Maharishi. As experiências com as drogas foram um degrau na procura de outras formas de alcançar uma consciência maior, a "verdade". Na alimentação lançava-se mão da macrobiótica, vegetarianismo, crudivorismo e frugivorismo. No tratamento do corpo passam a ser utilizadas as técnicas homeo-

páticas, de acupuntura, a cromoterapia, o *Do-In*, etc. *Hatha-Yoga*, *Tai-Chi-Chuan*, *Aikido*, *Raja-Yoga*, *Gnana-Yoga*, *Karma Yoga*, tudo passa a fazer parte do universo da contracultura.

Os *hippies* adoravam o verão, época em que promoviam atividades ao ar livre nas praças e parques dos Estados Unidos. Quando chegava o inverno eles "hibernavam" em suas comunidades ou então fugiam do frio viajando para o México ou pelos estados do sul do país. A direita americana classificava o *hippie* como "produto da subversão comunista" ao mesmo tempo que os teóricos soviéticos os classificavam de "exemplo da decadência social no sistema capitalista". Foram os *hippies* que fizeram com que a contestação social, a desobediência e a procura pelos novos valores percorresse terras espalhando-se tal qual erva daninha a minar o sistema de opressão e exploração.

A primeira comunidade *hippie* surgiu no bairro Haight-Ashbury, em São Francisco. A segunda que se conhece forma-se no chamado East Village, em Nova York. Outras comunidades formam-se às centenas. Foi Leila Hakin que escreveu em seu livro *Conspiração Aquariana no Brasil e no Mundo* que "todos os movimentos políticos tradicionais partiam do princípio de que a sociedade era a justificativa para a existência do homem" enquanto que "o hippismo inverteu o processo; o homem era a única justificativa para a existência



O homem era a única justificativa para a existência da sociedade.

da sociedade”.

Maio de 1968 foi a apoteose do processo. O mundo parece pegando fogo com as barricadas de Paris; manifestações em Berkeley; luta contra a polícia e os fascistas na Maria Antônia (Sampa, Brasil); há também a Primavera de Praga e a esperança de um socialismo de face humana sem o domínio do imperialismo soviético, na Tchecoslováquia; a Revolução Cultural na China; o Peru desobedecendo o imperialismo ianque; na Itália e Japão greves e passeatas. Os Beatles saem com “Revolution”, criticando as esquerdas, que pensavam fazer revoluções simplesmente agitando retratinhos de seus ídolos, e pregam a revolução não-violenta. Os Rollings Stones soltam “Street Fighting Man”, onde Mick Jagger lamenta por estar na Londres “onde nada acontece”, invejando o fogo de Paris e elogiando o “homem brigão das ruas”.

O que acontece na França é uma verdadeira guerra civil, com greves gerais de estudantes e operários, levantamento de barricadas e tomada de escolas e fábricas, quase fazendo com que de Gaulle fugisse para a Alemanha em busca de tropas e voltasse reeditando a repressão à Comuna de Paris de 1871. A esquerda francesa é colocada contra a parede, e o Partido Comunista Francês acaba se unindo às forças mais retrógradas para conter a revolta estudantil e operária. É a prova definitiva de que nem a direita nem a esquerda

têm as saídas para a crise.

Começa a surgir uma nova esquerda querendo colocar em discussão todos os erros do movimento revolucionário, desde o não apoio e a sabotagem às transformações revolucionárias que estouram, até às análises do socialismo burocrático (o “realmente existente”), que nada tem a ver com a tão sonhada sociedade comunista e igualitária.

Em janeiro de 69 um jovem tchecoslovaco de 21 anos, o estudante Jan Palach, suicida-se colocando fogo em seu próprio corpo numa das praças centrais de Praga. Também é no início de 69 que tropas da China e da União Soviética entram em combate por motivos de fronteira. É a crise maior dentro do bloco socialista. Na nova esquerda despontam os pensadores desobedientes: Herbert Marcuse, Ernst Bloch e Erich Fromm, entre outros. Max Horkheimer, então diretor da Escola de Sociologia de Frankfurt, abandona o marxismo dizendo que “o curso da história foi diferente do que Marx tinha imaginado”.

Herbert Marcuse foi um dos ídolos dos jovens das barricadas de Paris. Alemão vivendo nos Estados Unidos desde 1934, quando fugiu do nazismo, Marcuse faz violentos ataques à sociedade tecnológica. Para Marcuse a sociedade tecnológica, tanto a ocidental quanto a socialista, mantém em circuito fechado as teses e antíteses, impedindo assim as sínteses criadoras e transformadoras. A sociedade tecnológica aumenta a capacidade de

consumo do homem e aumenta o conforto material da sua vida, mas cada vez o imbeciliza e o escraviza mais. Mesmo nos Estados "democráticos" do planeta não há democracia, dizendo Marcuse que a livre eleição dos senhores de escravos não suprime a divisão social entre os senhores e os escravos. Também a livre escolha entre uma grande variedade de mercadorias e serviços não significa liberdade; afinal, estes serviços e mercadorias mantêm a alienação do homem. Marcuse coloca o dedo na ferida quando afirma que em nossos tempos a classe operária havia se incorporado ao sistema capitalista e já não podia desempenhar o papel revolucionário que Marx lhe predestinara. Para derrubar a burguesia, somente os setores que estivessem marginalizados dentro do sistema, como os negros, os jovens, as mulheres, os miseráveis . . .

No Brasil de 68 a revolta influenciada pela rebeldia *hippie* foi colocada na ordem do dia pela Tropicália. Caetano Veloso com sua guitarra elétrica que horrorizava a esquerdinha medíocre cantava o hino dos que iam pelas ruas "caminhando contra o vento / sem lenço nem documento". Debaixo de uma das piores ditaduras que o país já conhecera, passava-se a discutir os "pequenos problemas" do cotidiano; o sexo, o corpo, o tesão, o desejo. Ao questionamento do sistema juntava-se o questionamento da postura autoritária da própria esquerda ortodoxa. Colocando em questão a revolução social pintada à moda de

outubro-1917, os tropicalistas deslocavam a rebeldia *hippie* repensando-a e deglutindo-a antropofagicamente para aplicá-la ao Brasil. Surgem os problemas com a ditadura, edita-se o AI-5, o golpe dentro do golpe. Caetano e Gilberto Gil são obrigados a se exilar em Londres. Era o final da década, o início do descenso e o começo da asfixia.

Nos Estados Unidos o movimento ainda ganha um pouco de fôlego. Foi logo após a chacina de Kent. Em abril de 70, quando Nixon anuncia a invasão do Camboja, centenas de faculdades entram em greve. São dez milhões de universitários paralisando todo o sistema educacional americano. Na Universidade de Kent (19 000 alunos na época) a Guarda Nacional reprime uma manifestação a tiros de metralhadora. Após as rajadas conta-se 4 mortos e 9 feridos. Os corpos sem vida de William Schroeder (19 anos), Sandra Lee Scheuer (20 anos), Jeffrey Miller (20 anos) e Allison Krause (19 anos) revolta a juventude da América. A garota Allison Krause, um dia antes de sua morte, se aproximara de um soldado da Guarda Nacional e colocara uma flor no cano de seu fuzil, dizendo que as flores eram melhores que balas.

Com a morte dos quatro de Kent o movimento pacifista, *hippie* e *underground* ganha novo fôlego gerado pela revolta provocada pelo crime. A adesão ao movimento contra a guerra culmina na

Marcha sobre Washington, onde até veteranos do Vietnã devolvem suas medalhas por sobre os muros da Casa Branca. Os jovens ainda lutam, procurando criar uma resistência pacífica e generalizar a deserção organizada do exército americano e a desobediência civil.

O ano de 70 é o ano da frustração. A sonhada revolução não se realiza e no mundo gera-se um estado depressivo violento. Tudo é sintetizado naquela curta frase de John Lennon: "o sonho acabou".

Os Beatles separam-se. Cada um vai para um lado. Nos primeiros anos dessa década morrem Janis Joplin, Jimmy Hendrix, Jim Morrison. 73 é o ano em que a crise econômica se concretiza. As ditaduras latino-americanas se fortalecem. Allende é assassinado no Chile. Em 75 John Lennon pára tudo e se volta para a família, querendo repensar tudo que havia feito até aquela data. É como que um símbolo da época: a hora de parar, recolher os cacos e repensar tudo tirando os saldos da derrota.

Mas alguma coisa ainda procurava sobreviver dentro do caos geral. Em 71 surge, no Brasil, o primeiro e verdadeiro jornal alternativo de que se tem notícia neste canto do planeta. É o *Flor do Mal*, que durou poucos números. Editando um jornal composto a mão e usando o nome da CODECRI (a editora do *Pasquim*) Luiz Carlos Maciel, Waly Sailormoon, Rogério Duarte e outros

davam o recado alternativo procurando vencer a asfixia generalizada no campo cultural. Durante algum tempo também Luiz Carlos Maciel agüentou escrevendo a coluna "Underground" nas páginas do *Pasquim*.

Foi em 1971 também que se realizou conforme conta Leila Hakin em seu livro *A Conspiração Aquariana no Brasil e no Mundo*, um congresso em Berkeley, na Califórnia, reunindo cientistas, líderes de comunidades *hippies* e alternativas, jovens radicais e sociólogos. O congresso avalia a experiência adquirida nos anos anteriores e define uma declaração de princípios: "A nova sociedade, a sociedade alternativa, deve emergir do velho sistema, como um cogumelo novo brota de um tronco apodrecido. Acabou-se a era do protesto subterrâneo e das demonstrações existenciais. Acabou-se o mito de que os artistas têm que estar à margem de sua época. Devemos, de agora em diante, investir toda a nossa energia na construção de nossas condições. O que for possível utilizar da velha sociedade, nós utilizaremos sem escrúpulos: meios de comunicação, dinheiro, estratégia, *know-how* e as poucas e boas idéias liberais" (citação transcrita do livro de Leila Hakin).

Os primeiros anos da década de 70 marcaram a mudança de qualidade da contracultura. O hippismo conhece o descenso e não consegue transformar a sociedade. Todo o sonho se desvanece: traído pela esquerda comportada e pelos

sindicatos reformistas, combatido pela direita retrógrada e pelo centro corrupto, o movimento estudantil e operário francês nada consegue, a não ser marcar na consciência dos homens a possibilidade de desobedecerem ao *status quo*; as comunas populares e a revolução cultural na China são absorvidas pelo Estado e pelo Partido Comunista; todas as explosões acabam absorvidas pelo sistema.

Muito se especulou acerca do *hippie*. Os psicólogos do sistema, como o americano Richard Koensberg, chegaram a desenvolver teorias de que o *hippie* era produto de uma mãe dominadora e de um pai débil — bela piada! O *hippie* foi na realidade o produto de uma sociedade corrupta, mercantilista e hipócrita. E o sistema se negava a enxergar tal fato. 1960 foi uma década de vital importância para a humanidade. Os *beatniks*, os *hipsters* e os *hippies*, a nova esquerda, tudo possibilitou colocar em xeque os conceitos tradicionais de sociedade e civilização. Toda a juventude daquela época vivenciou a contestação, a rebeldia, a desobediência. E são os descendentes destes jovens que hoje passam a construir o movimento alternativo.

A EXPERIÊNCIA HISTÓRICA

"Viva a Sociedade Alternativa
 Se eu quero e você quer
 Tomar banho de chapéu
 Ou discutir Carlos Gardel
 Esperar Papai Noel
 Faze o que tu queres
 Pois é tudo da lei
 Todo homem e toda mulher
 é uma estrela
 Todo homem tem direito
 de trepar na árvore
 quando quiser e comer os frutos da terra
 o número 666 chama-se Aleister Crowley
 Viva o Novo Aeon
 a 3ª raça da civilização do futuro."

("Sociedade alternativa",
 Raul Seixas/Paulo Coelho)

Não é de agora que o homem sonha em construir
 comunidades baseadas na igualdade e fraternidade

humanas. As primeiras tentativas de que se tem notícia pertencem à Idade Média; eram as guildas, organizações mutualistas formadas por livre acordo. No decorrer dos séculos foram várias as situações históricas em que as comunidades floresceram.

A República dos Guaranis

A República dos Guaranis é a mais antiga tentativa realizada na América do Sul, de que se tem notícia. Era composta de várias comunidades, tendo florescido no período que vai de 1610 até 1756. Eram cerca de 34 cidades chamadas Missões. Nestes locais viviam os índios guaranis e os padres jesuítas.

Nos anos de maior florescimento as Missões chegaram a ser chamadas de território economicamente independente. Voltaire e Montesquieu demonstraram um interesse especial por esta experiência em seus escritos. Naquela época, só para efeito de comparação, enquanto Buenos Aires tinha uma população de cinco mil pessoas, cada Missão concentrava cerca de vinte mil habitantes.

As comunidades guaranis eram desenvolvidas e fraternais. As cidades eram planejadas e construídas em ângulos retos. As avenidas e ruas possuíam varandas cobertas que serviam como

abrigo do sol e chuva. A administração das comunidades era feita por Conselhos eleitos, não havia partidos nem políticos ou administradores profissionais. Desconhecia-se o direito de propriedade, todos os bens pertenciam à comunidade. A agricultura era desenvolvida, também o artesanato e a indústria. Os tecidos produzidos pelos guaranis eram muito apreciados. Na comunidade indígena o trabalho durava no máximo oito horas por dia, com folgas aos domingos e quintas-feiras. A produção era destinada à satisfação das necessidades comuns e não para o lucro. Não se acumulavam riquezas. A alimentação era distribuída às famílias segundo o número de seus membros, e de acordo com suas necessidades. Conforme Clovis Lugon, em seu livro *A República Comunista Cristã dos Guaranis*, "a república Guarani era, sem dúvida, comunista demais para os cristãos burgueses e cristã demais para os comunistas da época burguesa".

A partir de 1618 e durante doze anos os bandeirantes atacaram as comunidades guaranis, chegando a escravizar mais de 15 mil índios. Desarmados, os guaranis passam a fugir para as áreas dominadas pelos espanhóis, mas reclamadas por Portugal, sendo que 50 mil instalam-se naquelas regiões. Dez anos depois os índios haviam reorganizado suas comunidades e, desta vez, armaram-se para se defenderem. Com apenas 300 armas e um canhão, 4 mil índios guaranis enfrentam os bandeirantes.

rantes, que eram em número de 800 mais 6 mil escravos, na batalha de Mbororé, nas margens do Rio Uruguai. Vencendo a luta, os índios tiveram sossego até 1750. Foi neste ano que a Espanha entregou a Portugal a região dos Sete Povos das Missões, pelo Tratado de Madri.

Após este acordo os portugueses voltam a atacar, e em 1756 já não existe nenhuma comunidade na região.

Os primórdios na Europa

Outras experiências históricas de grande importância foram os experimentos dos precursores europeus, como Robert Owen (1771-1858), as comunidades do anarco-cristão Leon Tolstói (1828-1910) e as iniciativas dos seguidores de François-Marie-Charles Fourier (1772-1837). Estes primeiros sonhadores também receberam muitas influências das obras de Thomas More (*Utopia*, de 1516) e Campanella (*A Cidade do Sol*, de 1623).

Os fourieristas e owenistas acreditavam que criando uma rede de comunidades poderiam, sem violência ou revoluções, substituir as estruturas existentes como consequência do exemplo da superioridade de sua nova organização ao promover o bem-estar entre os homens. Fourier não dava

valor à tecnologia, a produção em grande escala e a mecanização lhe desagradavam. Seus seguidores acreditavam que as comunidades pequenas eram mais adequadas para satisfazer as necessidades reais dos homens.

As idéias de Owen e Fourier exerceram muita influência nos movimentos comunitários posteriores. Para eles a tarefa dos homens de bem era promover a felicidade e o bem-estar geral. Ambos combatiam com veemência a ordem social baseada na competitividade entre os homens, desconfiavam da "política" e dos políticos profissionais e acreditavam que a resolução dos assuntos sociais deveria ser exercida não pelos parlamentares ou governantes, mas sim pelos produtores. Eles acreditavam que se a sociedade pudesse ser organizada dessa forma os governos e a organização política tradicional cairiam por terra.

Era parte essencial do pensamento de Fourier que o homem não tivesse apenas uma ocupação; ele acreditava que se os membros da comunidade se revezassem nas diversas ocupações jamais ficariam angustiados.

As comunidades idealizadas por Fourier chamavam-se falanstérios. Nos Estados Unidos os falanstérios tiveram mais sucesso que na Inglaterra ou França. Seu entusiasta mais dedicado foi Albert Brisbane (1809-1890), que organizou a implantação de algumas comunidades após a depressão de 1837. Formaram-se trinta comunidades na

década de 1840, entre elas a famosa "Brook Farm Community", fundada por um grupo de intelectuais da Nova Inglaterra. A comunidade que mais tempo durou foi a de Brisbane, que funcionou até 1856.

Na França, as experiências fourieristas foram reprimidas em 1848 com a derrota da revolução, e seus líderes, como Victor-Prosper Considerant (1808-1893), tiveram de se exilar.

Robert Owen teve duas grandes experiências que foram as comunidades de New Lanark e New Harmony. A primeira era uma colônia industrial que havia recorrido à agricultura como atividade marginal, distribuindo aos seus operários a produção agrícola. Foi em New Harmony que Owen perdeu sua fortuna. Um dos erros cometidos nesta experiência foi a formação de uma colônia não selecionada; as pessoas não tinham um ideal comum, erros que não se verificavam nas comunidades religiosas da América. Uma das questões polêmicas foi a administração interna: alguns defendiam uma administração democrática para New Harmony, enquanto Owen insistia em que houvesse uma primeira fase de liderança pessoal sua. Mais tarde ele acabou cedendo. Esse fato aflorou uma clara contradição entre atos e idéias da parte de Owen.

Outro pensador que exerceu grande influência no movimento alternativo contemporâneo foi Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), anarquista

idealizador do mutualismo. Assim como Fourier e Owen, Proudhon era de opinião de que as atividades teóricas e práticas deveriam estar a cargo das associações ou comunidades. A associação autônoma deveria ser o agente dos cidadãos na decisão coletiva de todos os assuntos.

Leon Tolstói foi outro idealizador de comunidades. Anarquista e cristão, ele defendia a organização de colônias cristãs baseadas na propriedade coletiva dos bens. Muitas destas comunidades existiram até 1930.

Na Ucrânia

Uma das experiências mais fascinantes foram as comunidades macknovistas da Ucrânia. Esta utopia realizou-se após a revolução russa de 1917.

Os camponeses da Ucrânia, liderados pelo anarquista Nestor Macknó, libertaram a região do Gulai-Polé do domínio czarista e construíram comunidades. Estas verdadeiras comunas organizadas naquelas terras tomadas aos latifundiários enfrentaram críticas da parte do governo bolchevique, pois diferenciavam-se das comunas criadas por decreto e pela força das baionetas do Partido Bolchevique.

Ao mesmo tempo que estas comunidades funcionavam e produziam o suficiente para manter os

camponeses com excelentes condições de vida, seus integrantes mantinham uma luta árdua contra o exército branco, que queria restaurar a velha ordem, e os comunistas, que objetivavam controlar politicamente a região. Esta experiência foi revoltantemente massacrada pelo exército vermelho comandado por Leon Trotsky em 1921.

Na Índia

Em 1915, na Índia, o idealizador da não-violência Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948) organiza a sua primeira comunidade. Era um *ashram*, onde Gandhi e seus seguidores viviam de forma religiosa praticando a simplicidade, fazendo suas próprias roupas e até mesmo fiando o próprio tecido. Durante toda a sua vida o mahatma procurou fazer com que tais comunidades florescessem e vivessem auto-suficientemente de forma a não depender da administração colonial inglesa.

Em Israel

Outra experiência de comunidades que obtiveram sucesso e que existem até hoje são os *kibutzim* de Israel. São comunidades agrícolas onde o

dinheiro não circula e onde todos os bens pertencem à coletividade. Cada membro recebe os produtos de que necessita e dá em trabalho o quanto lhe é possível. As residências são constituídas de pequenos apartamentos ou casas cujo tamanho depende do grau de riqueza do *kibutz*.

Os trabalhos como limpeza pública e cozinha são feitos em rodízio entre os integrantes da comunidade, para não criar profissões elitizadas. O *kibutz* é dirigido por uma coordenação eleita democraticamente de dois em dois anos. Um fato interessante é que algumas comunidades possuem estações de rádio próprias.

Talvez seu único inconveniente seja o sectarismo, dado que estas comunidades só são abertas aos israelenses judeus e, apesar da fraternidade existente entre seus integrantes, esta forma de viver não se aplica nas relações entre as citadas comunidades e os habitantes de origem árabe.

Na Revolução Espanhola

As experiências comunitárias autogestionárias que se realizaram durante a revolução espanhola foram espetaculares. Tais experiências são pouco conhecidas, em virtude do boicote dos historiadores de todos os pontos do espectro político, desde os fascistas, passando pelos liberais e

chegando aos comunistas.

Na Espanha as comunidades autogestionárias inspiradas pelos anarquistas foram combatidas tanto pelos soldados do ditador Francisco Franco quanto pelos comunistas do Partido Comunista Espanhol.

As comunidades que floresceram na Espanha revolucionária são exemplos gritantes de organizações libertas da exploração e da tirania da sociedade capitalista. Baseadas no mútuo apoio em benefício de todos, as comunidades libertárias garantiam a produção e a distribuição equitativa dos bens entre todos os indivíduos em plena guerra civil.

O movimento coletivista em Aragão, Catalunha, Levante, Andaluzia, Extremadura, Castela, etc. teve como um dos principais construtores e organizadores a CNT — Confederação Nacional do Trabalho. Em todos estes locais, depois que as milícias libertárias expulsavam os fascistas dos povoados, eram implantadas comunidades auto-geridas. Os libertários espanhóis demonstravam assim que tudo aquilo que pode parecer utópico um dia pode ser realizado.

Nestas experiências o sindicato livre foi a pedra angular da construção da comunidade. A coletivização foi realizada imediatamente após a expropriação dos bens que estavam improdutivos nas mãos dos capitalistas e latifundiários.

Os grupos de trabalho formavam-se de acordo

com as peculiaridades de cada setor e o controle da produção foi organizado de modo a extrair o maior rendimento com o mínimo de esforço possível.

A distribuição era feita conforme as necessidades familiares e coletivas. O dinheiro foi totalmente abolido e a distribuição de produtos para consumo era feita através de um controle medido pelo carnê de produtor e pela caderneta de consumidor.

Na cidade de Ronda, na província de Málaga, a experiência foi mais rica. As organizações sindicais socializaram os bens na base do comunismo libertário. Os militantes das entidades sindicais livres organizaram-se federativamente, de baixo para cima, partindo das unidades de produção — as fábricas —, passando pelos sindicatos e finalizando nas federações de cada ramo. Todas as entidades reuniam-se numa coordenação geral organizada na base da autonomia federativa. Para distribuição e consumo a norma seguida era a do comunismo libertário, ou seja: “de cada um segundo a sua capacidade, a cada um segundo a sua necessidade”.

A Comunidade de Bot, na região da Terra Alta, em Tarragona, foi outro exemplo da realização da utopia. Lá tudo foi coletivizado. Organizou-se uma cooperativa de consumo com o fim de atender às necessidades individuais e familiares dos membros da coletividade. Também lá foi abolido o uso do dinheiro. A terra era trabalhada em grupos de vinte pessoas, sendo que cada grupo nomeava

diretamente um delegado. Os delegados reuniam-se aos sábados em assembléia com o fim de distribuírem o serviço para a semana seguinte.

Todas as experiências comunitárias impulsionadas pelos libertários espanhóis foram reprimidas com extrema violência, encerrando-se com a vitória do fascismo na Espanha.

As Comunas Populares

Outra experiência de grande importância foram as Comunas da China Popular. Muitos poderão se surpreender mas as Comunas Populares que floresceram a partir de agosto de 58 e, principalmente, após a chamada "Grande Revolução Cultural Proletária" eram verdadeiras comunidades agrícolas e industriais.

Apesar de impulsionadas pelo Partido Comunista da China e apoiada pessoalmente por Mao Tsé-tung, não havia a imposição do plano governamental diante das necessidades de produção dos camponeses. Já desde 1958 o Partido havia adotado o princípio, defendido por Mao, de criar as Comunas Populares sem um caráter obrigatório: tudo dependia da aceitação pelos próprios camponeses de formar as Comunas.

Os planos de produção agrícola não eram tidos como questão econômica ou burocrática tal qual

ocorria na União Soviética. Só depois de muitas discussões no seio da Comuna e após uma assembléia dos camponeses é que o plano final era fixado.

Nas Comunas também não havia burocratas profissionalizados em administrar. Todos eram eleitos, e os cargos mais técnicos eram o de contabilista e o de caixa. Estes eram obrigados a afixar, todos os meses, um balanço de receitas e despesas e este trabalho de escrita e escritório era feito apenas durante algumas horas na semana. Os administradores tinham de trabalhar na produção tal qual os demais camponeses.

Após a vitória da revolução, entre os anos de 52 e 56, houve intensa luta no interior do partido entre as posições de Liu Chao Chi e Mao Tsé-tung. Liu representava a posição de deixar evoluir as pequenas propriedades até que as mais fortes engolissem as mais fracas e, a partir daí, socializar a produção. Mao defendia a organização das Comunas Populares parcialmente autogeridas. Durante a Revolução Cultural a direita foi derrotada e as Comunas conheceram um grande impulso.

O direito de influir nas decisões e na divisão da produção criou exemplos de notável participação. Houve Comunas que mobilizaram milhares de pessoas no período das secas para levar água para as plantações. Entre muitos saldos está a construção de um lago artificial que irriga hoje 140 mil hectares de terra. Foram quase 2 milhões de pessoas trabalhando na construção de um canal de

mais de cem quilômetros e criando o lago de Hanpei.

O esforço da massa camponesa foi o resultado de uma participação consciente nas decisões, trabalho e resultados das Comunas. A Revolução Cultural havia dado condições para a derrota das concepções tradicionais que estabelecem que são necessários longos estudos para se formar engenheiros hidráulicos ou outros especialistas, crença útil apenas para criar uma burocracia ou casta na sociedade civil.

Dado o processo *sui generis* que conheceu — as Comunas eram impulsionadas pela corrente do Partido Comunista da China liderada por Mao Tsé-tung e pelo mais tarde chamado “bando dos quatro” — existia uma orientação pelo princípio da direção centralizada e gestão descentralizada. Mao procurava unir estes dois fatores e conciliá-los visando o interesse do Estado e da Comuna. Postura que se contrapunha completamente ao que ocorreu após a Revolução de Outubro na Rússia e que já era um avanço em relação à centralização e planificação originariamente defendida pelos marxistas ortodoxos de então.

Juntamente com as experiências das Comunas Populares, outra experiência de grande importância histórica foi a formação dos “médicos pés descalços”. Eles eram camponeses e operários que aprendiam, em cursos rápidos, métodos de higiene, utilização de ervas medicinais, conhecimentos

básicos de medicina e de acupuntura, fabrico de remédios simples; e voltavam para os lugares de origem, os campos ou fábricas, onde tinham a função de dar assistência médica aos camponeses e operários, criando, inclusive, pequenos hospitais dentro das Comunas. Esta experiência serviu como inspiração para o atual “encontro dos médicos pés descalços” que se promove aqui no Brasil, em São Lourenço (mais adiante trataremos deste assunto).

Ao mesmo tempo que desenvolvia a produção agrícola havia também uma preocupação com a industrialização, sempre dentro do princípio maoísta de “contar com as próprias forças”. Desenvolveram-se pequenas fábricas que produziam utensílios agrícolas, peças mecânicas e material elétrico, bombas d’água, moinhos e máquinas para transplantar arroz.

As Comunas perderam o fôlego após o descenso da Revolução Cultural e, principalmente, após a derrota da corrente liderada por Mao e pelo “bando dos quatro” e a subida ao poder da “corrente pragmática” de burocratas autoritários.

Foi uma experiência limitada em virtude da centralização, ainda que relativa, imposta pelo Partido Comunista. Mas foi importante no sentido de colocar em questão a construção de Comunidades no interior dos próprios países socialistas. Como saldo histórico podemos tirar a lição de que a dependência das Comunas para com a liderança

da Revolução Cultural era excessiva, resultado que não seguiu à própria orientação maoísta de "contar com as próprias forças". Bastou a casta burocrática e contra-revolucionária tomar as rédeas do poder após a morte de Mao Tsé-tung, e a experiência das Comunas conheceu o marasmo e o descenso.

Na América do Sul

Outra experiência comunitária de inspiração libertária foi a Colônia Cecília. A iniciativa partiu de um engenheiro italiano que formou um grupo que veio para o Brasil objetivando a formação de uma comunidade livre. Arrumaram um terreno no Paraná e conseguiram formar a tão sonhada comunidade.

Nem todos eram anarquistas, apesar da inspiração que norteava a experiência. Foi uma tentativa rica, liberta da intervenção do Estado. Não havia chefes nem burocracia. A comunidade foi desmantelada a baioneta pelas tropas da ditadura de Floriano Peixoto.

Além da Colônia Cecília existiram diversas outras iniciativas de inspiração anarquista na América do Sul. A Comunidade Nossa Chácara foi outra construída por libertários de São Paulo, num terreno de oito mil metros quadrados. Nossa

Chácara era formada por militantes anarquistas adeptos do naturismo e vegetarianismo, e tinha como objetivo servir como um prolongamento do lar do militante libertário e de simpatizantes da causa anarquista.

Outras experiências foram a Comunidade do Sul em Montevidéu, no Uruguai, e a Comunidade La Nueva em Buenos Aires, Argentina.

Houve outras tentativas comunitárias no Brasil. Uma delas foi a dos anabatistas chamados *muckers*, que haviam se instalado no Vale do Rio dos Sinos, região onde se concentravam as colônias alemãs, no Rio Grande do Sul. Esta experiência terminou tragicamente. A comunidade religiosa foi totalmente massacrada por tropas do governo em junho de 1874, em consequência de diversos problemas de mau relacionamento e intolerância religiosa.

Aliás, este é um problema que tem preocupado muito o movimento alternativo. A manutenção de relações amistosas com os vizinhos é uma das primeiras regras a serem seguidas. O mau relacionamento já provocou problemas em outras países, envolvendo outras tentativas de formação de comunidades, como é exemplo a dispersão dos mórmons, no Estado de Illinois, nos Estados Unidos.

Canudos

Canudos, articulação comunitária liderada pelo místico Antônio Conselheiro, também terminou tragicamente. Orlando de Oliveira, um dos articuladores do atual movimento alternativo, escreveu certa vez que a iniciativa de Canudos foi "o primeiro esboço de comunidade em Aquarius".

Destruída e afogada em sangue no ano de 1897 pelo exército de Prudente de Moraes, Canudos é pouco estudado pela historiografia brasileira. Naquela época, a única visão que se tinha desta articulação sertaneja era a interpretação dada pela burguesia, que apresentava a revolta camponesa como um levante reacionário e monarquista contra a República. Chegou-se até a compará-la ao levante camponês da Vendéia contra a Revolução Francesa de 1789.

Orlando de Oliveira afirma que em Canudos havia uma visão beatífica de mundo que mudou padrões éticos e morais, tendo como um de seus principais aspectos a liberação do amor e a coletivização dos filhos e dos bens. Foi Euclides da Cunha (1866-1909) — o jornalista que cobriu a repressão republicana para o jornal *O Estado de S. Paulo* — que nas imortais páginas de *Os Sertões* desmistificou a campanha política do governo denunciando as atrocidades das tropas oficiais.

Nos anos 50-60 o Cinema Novo, postura cultural

que viria a influenciar o Tropicalismo, questionou a visão que as classes dominantes haviam inscrito na história oficial sobre Canudos colocando o misticismo e o cangaço como uma forma primitiva de rebeldia no mundo popular nordestino.



Nos anos 50-60 o Cinema Novo colocou o misticismo e o cangaço como uma forma primitiva de rebeldia.



O MOVIMENTO CONTEMPORÂNEO NO MUNDO: ALTERNATIVOS NA EUROPA E ESTADOS UNIDOS

"É um direito reconhecido desde tempo imemorial que todo indivíduo pode negar colaboração ao amo que governa mal, todo cidadão tem direito de negar sua cooperação ao Estado, quando com esta cooperação se envilece."

(Mahatma Gandhi)

A população pré-aquariana que vive às margens da sociedade chega a meio milhão de jovens em todo o velho continente. Habitando casas construídas com materiais recuperados do lixo e feitas por eles mesmos, os alternativos utilizam energia solar ou dos ventos e se alimentam de produtos naturais.

Muitos deles tiveram experiências de acirradas lutas nas barricadas de maio de 68 e receberam influências diretas da contracultura. Pregando o abandono da civilização industrial eles procuram realizar os seus sonhos de uma vida tranqüila construindo as comunidades sem perda de tempo.

No campo

Na Escócia existe a Comunidade Findhorn. Na França e Alemanha estes grupos são numerosos. Também nos Estados Unidos o movimento cresce a olhos vistos, são comunidades rurais, algumas espiritualistas, outras políticas, muitas já auto-suficientes. No deserto do Oregon, os seguidores do filósofo indiano Bhagwan Shree Rajneesh estão construindo uma comunidade subterrânea chamada "Rajneeshpuram". Será uma verdadeira cidade para mais de 400 mil pessoas preparada para enfrentar a guerra nuclear que, segundo Rajneesh, já está em andamento. Outras grandes comunidades são a "The Farm" e a "Easelen". A "Farm" concentra 1 350 moradores, tendo sua origem diretamente no movimento da contracultura. Todos na comunidade são vegetarianos. Lá ensinam-se práticas de medicina alternativa e tratam-se as pessoas gratuitamente, mesmo que não pertençam à comunidade. São editados livros sobre temas

alternativos. A cozinha funciona comunitariamente, possuem leiteria que produz leite de soja, tofu e sorvete natural. A comunidade produz todos os produtos que consome. Há também uma construtora alternativa. Utiliza-se energia solar e produz-se cerveja natural. A administração da "Farm" é feita por um conselho tribal composto por 25 pessoas representando as diversas áreas de atividade da comunidade. Elas possuem o seu próprio sistema escolar, desde o jardim da infância até a 8ª série. Hoje na "Farm" impera o mais completo coletivismo, e sua estrutura cresceu tanto que a comunidade consegue manter até uma estação de rádio própria em funcionamento.

Nas cidades

Mas é nas cidades que o movimento alternativo do Primeiro Mundo está mais forte. Para sair fora do sistema os jovens invadem casas desocupadas, organizam comunidades e passam a trabalhar apenas para garantir a sobrevivência. Eles mesmos criam seus próprios empregos desenvolvendo as suas condições de trabalho e passando a fabricar os produtos de que necessitam para viver. Usando de seus próprios conhecimentos e criatividade constroem aquecedores a partir de canos de vapor ou baseados na utilização de captação de energia

solar. Constroem também geradores de energia que funcionam a partir de refugos orgânicos, os chamados biodigestores.

Para tratar da saúde eles preferem a homeopatia, a acupuntura e o uso de plantas medicinais. Geralmente muitos praticam ioga e outras práticas milenares do Oriente.

Em termos de participação política os alternativos não deixam nada a desejar. Inimigos da energia nuclear e da poluição, eles organizam e participam das passeatas e manifestações de protesto. Sem falar no exemplo que já nos dão quando constroem seus próprios geradores de energia alternativos.

Em Berlim Ocidental, parte da antiga capital da Alemanha sob administração alemã-ocidental e encravada em pleno território da Alemanha Oriental, é onde se abrigam aqueles jovens que se recusam a prestar o serviço militar. Lá existem 300 cooperativas de trabalho. São indivíduos que se unem e dividem o trabalho entre si. Eles trabalham apenas o suficiente para garantir as suas necessidades básicas, como alimentação, vestuário e moradia.

As idéias nas quais os alternativos europeus mais se inspiram são as dos socialistas libertários, os anarquistas; além de Ivan Illich, o inconformado autor de *Sociedade sem Escolas*, e Herbert Marcuse, o velho rebelde. Outro pensador muito lido é Ernest Frederic Schumacher, que escreveu o livro

Small is Beautiful (O Negócio é ser Pequeno). Schumacher, nascido na Alemanha, emigrou para a Inglaterra em 1937, após a ascensão de Hitler. Em seu livro ele defende "uma economia que leve em conta as pessoas" combatendo a doutrina desenvolvimentista aplicada pelas grandes potências e defendendo projetos econômicos alternativos aplicados às condições específicas de cada região e povo do planeta.

Rudi Dutschke, agitador combativo das barricadas de maio de 68 na França, hoje é um ativo militante do movimento alternativo na Alemanha. É um dos organizadores do "Alternative Bank", entidade que tem como objetivo funcionar como uma instituição de financiamento de projetos alternativos. Este banco tem 4 mil associados, sendo que cada um contribui com dez marcos por mês.

Em 1979 fundou-se também, em Berlim Ocidental, o Partido da Lista Alternativa, que na eleição para o Senado berlinense (o governo estadual) chegou a ter 7,2 por cento dos votos.

O Partido Verde

Na Alemanha Ocidental organizou-se o Partido Verde (*Die Grünen*). Levantando bandeiras de luta pela paz, contra a instalação de armas nucleares

na Europa, por um meio ambiente limpo e saudável e pelo fim à escravidão da sociedade industrial, os verdes conseguiram 5,6% dos votos nas eleições de 6 de março de 1983, conquistando assim 27 cadeiras no parlamento alemão.

O Partido Verde é um partido pequeno-burguês cuja base social é o eleitor jovem, com menos de 35 anos, que discorda do sistema imperialista e de seu funcionamento, que não concorda com a exploração do Terceiro Mundo tal como se dá e que nem quer se mostrar indiferente à sangrenta repressão do imperialismo às lutas de libertação nacionais, que se preocupa com a devastação ecológica e com o perigo iminente da guerra nuclear.

Entre os próprios verdes houve muita controvérsia sobre se deveriam ou não participar das eleições burguesas. Os setores mais radicais defendiam uma atuação extraparlamentar. Venceu a posição que defendia utilizar-se das eleições para influir na opinião pública e intervir no parlamento.

Já no primeiro mês de atuação o Partido Verde capitalizou uma grande vitória conseguindo cancelar a realização do censo demográfico, amplamente denunciado pelo partido desde o primeiro momento como uma invasão à privacidade dos entrevistados e que forneceria ao Estado, em especial à polícia, um minucioso dossiê a respeito da vida particular de cada cidadão do país. Há meses que os verdes convocavam a população a boicotar o censo, o que contou com a

adesão de centenas de intelectuais.

Os verdes tomaram posse no *Bundestag* alemão trajando *jeans* e camisetas, o que já demonstrou a quebra de velhos protocolos. Estavam presentes à posse uma representante das mães da Praça de Maio, um embaixador da Nicarágua, um representante da OLP — Organização para a Libertação da Palestina —, representantes do Sindicato Solidarietà da Polônia, também da associação tchecoslovaca "Carta 77", além de pacifistas e ecologistas dos Estados Unidos, Itália, Inglaterra, Israel, Holanda e França.

Os verdes já estão propagando a idéia de organizar uma resistência pacífica em massa para impedir a instalação na Alemanha dos projéteis Cruise e Pershing-2. Ameaçam também promover uma greve de fome no parlamento ao mesmo tempo que se desencadearem as ações de massa.

Nas cidades norte-americanas

Atualmente existem mais de dez mil organizações autônomas em Nova Iorque. Em todos os Estados Unidos o número chega a 200 mil. Algumas destas entidades são chamadas *grass-roots* porque são comparadas a raízes de grama que se espalham rápida e despercebidamente pelas cidades.

Em consequência das desilusões dos homens nas

formas de governo e nos Estados organizados, estas entidades surgem cumprindo o papel de uma nova força reivindicando a participação do cidadão na tomada de decisões de todos os problemas que afetam a sua vida.

Nestas organizações os participantes não delegam poderes e responsabilidades a outrem, e sim buscam a mais completa participação em todos os estádios da resolução dos problemas que os afetam.

Uma das maiores organizações comunitárias norte-americanas é a "Mass Fair Share". Esta entidade começou suas atividades reivindicando alimentação para os alunos nas escolas públicas.

Em quatro anos de trabalho a "Mass Fair Share" conseguiu aglutinar 7 500 associados e alcançar vitórias espetaculares como o barateamento a nível estadual dos seguros de casas e automóveis, a baixa das taxas de luz e telefone, do imposto predial, da conta de gás, além de fazer fechar buracos de ruas e fiscalizar a troca de lâmpadas da iluminação pública.

Não-violência e contraviolência

Há duas grandes vertentes no movimento alternativo internacional. Grande parte defende a utilização de táticas pacíficas em suas reivindicações. São os que, influenciados pelas idéias de

Henry David Thoreau, Leon Tolstói e o mahatma Gandhi, preferem a desobediência civil e a não-violência. A desobediência civil foi desenvolvida por Thoreau e implica a não-cooperação com os governos, a renúncia a todos os cargos governamentais e o boicote a todas as eleições. Gandhi acrescentou a esta postura de ação a não-violência, que seria o ato de não responder ao opressor com as mesmas armas deste, mas sim tentar transformá-lo por dentro. Certa vez Gandhi, falando de sua arma principal de luta, disse que jejuou "para modificar aqueles que me amavam. Você não pode jejuar contra um tirano". Ele próprio reconhecia que a luta contra o Estado pode não ser tão fácil.

A outra vertente não pensa duas vezes em utilizar métodos violentos de defesa, ou contra-violentos, em sua luta contra o monstro Estado. Estas comunidades alternativas são constituídas por grupos que receberam muitas influências do anarquismo e que consideram seus principais inimigos as instituições estatais. A razão desta preocupação dá-se em virtude da utilização histórica que as classes dominantes fazem do Estado. Hoje em dia, em todos os países, seja nos capitalistas imperialistas e dependentes, seja nos países socialistas imperialistas e seus satélites, o aparelho estatal com todas as suas instituições (parlamento, polícia, exército, justiça, governo) é uma máquina que garante a ditadura da classe ou

casta dominante sobre os demais setores da sociedade.

Em Berlim Ocidental existem, além do já referido Partido da Lista Alternativa, o Coletivo Libertário Autonomia, organizações *punks* e diversos grupos da contracultura.

No dia 11 de junho de 1982, quando da visita de Reagan — o presidente dos Estados Unidos — à Alemanha Ocidental, estes grupos uniram-se numa frente única e convocaram a população a se manifestar contra a presença do presidente americano e contra a instalação dos mísseis na Europa.

O governo havia determinado que as manifestações se limitassem a uma pequena praça que mal comportaria o número de manifestantes. No auge da concentração os grupos libertários e os *punks* entraram em choque com a polícia que cercava a praça e a manifestação transformou-se em várias manifestações espalhadas por toda Berlim Ocidental.

Durante todo o 11 de junho e até a madrugada do dia 12, Berlim foi ocupada pela juventude alemã, que levantou barricadas e enfrentou as tropas de choque com o mesmo vigor de maio de 68.

Ao mesmo tempo que as autoridades policiais perdiam o controle de Berlim, em toda a Alemanha Ocidental as manifestações pacifistas não-violentas reuniam quatrocentas mil pessoas repudiando Reagan e a sua política armamentista genocida.

A invasão de casas

Também em Berlim existem centenas de casas invadidas e ocupadas pelos grupos alternativos chamados *squatters*, que copiaram a sua forma de luta dos *krakers* da Holanda. As ocupações ocorrem em consequência da falta de moradias. Como resultado da especulação imobiliária as casas invadidas estavam abandonadas pelos proprietários, que deixavam suas propriedades apodrecerem com o objetivo de conseguirem autorização para demoli-las, erguendo assim em seu lugar residências luxuosas. Os *squatters* são formados por desempregados, *punks*, ex-presidiários e integrantes de movimentos da contracultura, e objetivam combater a falta de moradias com as invasões e ocupações.

Em suas manifestações as palavras de ordem refletem o estado de espírito combativo de uma juventude que não vê perspectivas no sistema dominante: "*Legal, ilegal, schei egal!*", ou seja: "*Legal, ilegal, é tudo igual!*". Esse é o grito de guerra nas invasões de casas abandonadas.

Outras palavras de ordem lembram as barricadas de 68: "*Sejamos realistas, exigamos o impossível!*"; "*Sair do sistema, fugir da civilização!*".

A palavra de ordem mais política é: "*Macht aus dem Staat Gurkensalat!*", que quer dizer: "*Façamos do Estado uma salada de pepinos!*". Salada de

pepinos e Estado rimam perfeitamente bem em alemão nesta frase que traduz o ódio que a juventude sente por esse aparelho que os escraviza.

A ópera de Zurique

A Suíça não escapa. Lá também existem vários grupos alternativos. Foi na tão calma Zurique que a burguesia espalhafatosamente vestida em trajes de gala numa noite de 1980 foi surpreendentemente agredida com ovos podres. A polícia imediatamente chamada respondeu com golpes de cassetetes e bombas de gás lacrimogêneo. Os grupos alternativos libertários manifestavam-se para impedir o fechamento de um centro juvenil autônomo. O governo se recusava a dar uma verba para o centro, ao mesmo tempo que financiava a ópera para os burgueses de Zurique.

Os *krakers* da Holanda

Os *krakers* pertencem a um movimento anarquista da Holanda que organiza invasões de casas e apartamentos abandonados. É um dos mais fortes e conhecidos grupos alternativos urbanos da Europa. Eles ficaram famosos em abril de 80 quando, em unidade com outros grupos anarquistas,

alvejaram a comitiva real com sacos de tinta amarela, atrapalhando assim a cerimônia de coroação da princesa Beatriz.

Kraker vem de *crac*, que é uma palavra onomatopáica que significa quebra, rompimento.

O movimento *kraker* começou em 1965, quando um grupo de famílias desabrigadas ocupou algumas casas desocupadas numa rua de Amsterdam. Em pouco tempo este movimento se estendeu por toda a Holanda e acabou imitado também na Alemanha pelos *squatters* e *punks*.

Os *krakers* invadem e ocupam casas e apartamentos desocupados, e os donos geralmente recorrem à justiça para desocupar o imóvel. Os *krakers* vivem preparados para estas ocasiões, tendo organizado um sistema de alarme que coloca em ação milhares de militantes e simpatizantes quando necessário.

Nessas ocasiões chegam a ir para a rua cinco mil jovens. A vigilância contra os ataques da polícia é permanente durante as 24 horas do dia e pode incluir até o levantamento de barricadas.

A polícia geralmente lança mão da sua "Unidade de Serviços Especiais", que chega a utilizar até tanques. Quando a ação se desenvolve perto dos canais utilizam-se também lancha patrulha.

O combate entre os policiais armados de cassetes e bombas de gás lacrimogêneo e os *krakers* atrás de barricadas, jogando pedras e armados de pedaços de madeira, é violento. Nas ocasiões em

que perdem a batalha e são obrigados a abandonar os locais ocupados, o movimento alternativo *kraker* promove passeatas de protesto pelas ruas principais que mobilizam todos os simpatizantes.

Este movimento conseguiu organizar-se de uma forma eficiente, com a criação de serviços próprios de informações, defesa legal e organização de ações.

Os *krakers* publicam mensalmente a revista *Kraakkrant* e têm a seu serviço uma livraria e um centro de informações. Contam também com o apoio de três emissoras de rádio clandestinas, sendo a mais famosa a rádio Kreizer Livre (Radio De Vrige Kreizer). Estas emissoras têm um papel muito importante nas lutas contra a polícia e na organização de manifestações. Há também sete escritórios de advocacia que defendem os *krakers* gratuitamente, são os chamados *Advokatenkollectief*.

Os *krakers* de cada bairro da cidade de Amsterdam mantêm reuniões semanais cuja convocatória é publicada abertamente na imprensa. Existem também sete bares chamados *Kraak-kafés*; são bares que funcionam sem fins lucrativos e de acesso livre a quem quiser frequentá-los.

O MOVIMENTO ALTERNATIVO TUPINIQUIM

"Queremos a revolução Carahíba.
Maior que a revolução Francesa. A unificação de
todas as revoltas eficazes na direção do homem.
Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre decla-
ração dos direitos do homem."

(do Manifesto
Antropófago, maio de
1928)

Uma comunidade é um agrupamento social que se caracteriza por sua coesão baseada no consenso estabelecido espontaneamente entre as pessoas. Elas podem ser de vários tipos: urbanas e rurais; profissionais, residenciais, de lazer; religiosas, místicas e políticas, etc.

Eu não tenho receio de reconhecer que as comunidades alternativas são uma fuga. Mas são

uma *fuga* no bom sentido da palavra. Quem não deseja fugir desta vida de tensão e correr para a paz necessária? Quem não deseja se livrar do veneno químico para se alimentar de forma natural? Quem não almeja se livrar da ditadura do relógio e passar a viver de acordo com os ciclos da natureza? É uma aspiração a fuga deste sistema de exploração do homem pelo homem para uma fraternidade entre irmãos.

O movimento comunitário alternativo, aliás como ocorreu com o movimento da contracultura, é caracterizado como moda passageira pelos intelectuais integrados aos sistemas dominantes. A maior prova de que isto é uma falsidade é o fato de, no Brasil, existirem atualmente centenas de comunidades alternativas.

Os agitadores da "Nova Era" aqui em Pindorama — a terra das palmeiras, conhecida nos meios internacionais como Brasil — todos os anos realizam seus encontros nacionais. Em todas estas reuniões se discute a organização do movimento e sempre se tem evidenciado a preocupação de unir forças e garantir o respeito à individualidade das pessoas dentro do coletivo, além de permitir a pluralidade de valores.

Muitas comunidades adotam líderes espirituais, como por exemplo os seguidores de Bhagwan Shree Rajneesh — pensador indiano radicado nos Estados Unidos —, outras acreditam que os discos voadores trazem mensagens de salvação para a

humanidade e alguns de seus líderes afirmam até já terem tido contato com os seres extraterrenos e que pretendem, inclusive, construir espaçoportos junto a suas comunidades. Outros grupos já são mais políticos e se preocupam mais em manter distância das instituições estatais, garantir a liberdade de seus membros e lutar pelo desarmamento e pela defesa do meio ambiente, entre outras questões. Mas todos, sem exceção, se respeitam e se ajudam mutuamente.

Geralmente estas comunidades se preocupam em reservar uma parte do dia para que seus membros possam se dedicar a estudos, lazer e orações. Os alternativos acreditam que viver assim é dar um exemplo para as pessoas ainda integradas ao sistema de que o trabalho livre e em grupo traz felicidade e paz interior.

A vida nas comunidades alternativas, como não poderia deixar de ser, não é nada simples. A boa convivência entre os participantes é uma preocupação, há até aquela piada das brigas que se originam porque um aperta o tubo de pasta de dente no meio e o outro prefere começar pelo fim. Também são preocupações o manejo da terra, a obtenção de sementes de boa qualidade, o uso de energias alternativas, além da constatação da existência de uma certa rotatividade do pessoal das comunidades.

Aprendendo com os erros do passado, o movimento comunitário alternativo delimitou algumas

normas na constituição das comunidades. Dessa forma eles aprenderam que há necessidade de um prévio conhecimento entre as pessoas que farão parte do projeto. As decisões referentes à comunidade são sempre tomadas na base do consenso. A chamada democracia participativa deve incluir a participação nas decisões e não apenas no trabalho.

A experiência adquirida despertou também o cuidado para com as pessoas que se integram num estágio adiantado. Existe a preocupação em dar a conhecer aos novos membros as decisões do planejamento inicial e em fazê-los compreender tal plano, evitando assim o risco de uma rediscussão da proposta inicial, para não colocar em questão toda a existência do projeto.

Atualmente os alternativos também aprenderam e passaram a ensinar que o custo da implantação da comunidade deve ser calculado com antecedência, para que seja possível reunir fundos suficientes para manter a comunidade viva até que se possa contar com a auto-suficiência econômica.

Outra preocupação é o despontar de lideranças pessoais. Para evitar isso é recomendado estabelecer um processo de rotatividade daqueles que assumem responsabilidades de liderança.

Também a necessidade de reunir pessoas com a maior variedade possível de aptidões não pode ser esquecida. Isto cria a possibilidade de que cada qual ensine seus companheiros e aprenda os ofícios dos demais. Dessa forma, conhecimentos como

de carpintaria, costura, cultivo, cozinha, e outros seriam democratizados.

Quanto à escolha da terra, o movimento alternativo aprendeu a se estabelecer em terras onde haja possibilidade de uma expansão futura e onde o grupo não seja ameaçado pela hostilidade dos vizinhos.

A comunidade deve ter uma habitação que propicie o conforto máximo com o mínimo possível de custo, e sempre adaptado ecologicamente à região. Aqui entra em ação a arquitetura alternativa, os novos conhecimentos em construção.

A independência econômica deve ser alcançada com a maior rapidez possível. Este é o ideal de toda comunidade, é o que dá condições para que o grupo não se veja mais como dependente do sistema.

Mas não é apenas no campo que o movimento alternativo tem atuado. Também existe uma grande preocupação em generalizar-se a formação de comunidades nas cidades. Os líderes da articulação alternativa procuram orientar a formação das comunidades urbanas no sentido de que estas venham a desempenhar o papel de verdadeiras escolas para as pessoas que querem ir para o campo. Esta preocupação com a formação de comunidades urbanas é o resultado de uma avaliação que se fez acerca das pessoas que estavam despreparadas para o campo. Esta in experiência provocava vários problemas de relaciona-

mento nas comunidades. Vivendo algum tempo numa comunidade urbana as pessoas podem reaprender a conviver de forma fraterna com os seus companheiros — é uma aprendizagem necessária após um convívio de anos com a violência e o individualismo imposto pelo sistema dominante.

Mas essa preocupação não se resume apenas nesse aspecto. Também é valorizada a necessidade de uma atuação política alternativa nas cidades. E o exemplo é a melhor forma para transformar as pessoas. É possível sobreviver à margem do sistema, seja fazendo camisetas, ensinando ioga, produzindo perfume natural, preparando alimentos naturais, ou exercendo outras atividades, existem muitas formas de garantir a sobrevivência, e dentro de um grupo alternativo as coisas são mais fáceis.

No momento a articulação rural em termos de movimento é mais representativa que a urbana. Sem a pretensão de apresentar neste trabalho um levantamento completo das comunidades existentes, podemos citar algumas conhecidas: na capital do Rio de Janeiro existem a Coonatura, a Arca e a Aurora Espiritual; há também a Comunidade Sol e Terra (Jacarepaguá). Em São Paulo existem a Tribo da Terra e a Al Terna, esta última formada por ex-seguidores de Rajneesh.

Cabe também lembrar que nas cidades existem entidades espiritualistas e políticas vinculadas ao movimento alternativo: são organizações de luta ecológica e pacifista, entidades místicas e outras.

Há também um grande setor de entidades pertencentes às minorias que ultimamente tem-se aproximado do movimento alternativo: homossexuais, punks, feministas, negros, etc.

O movimento comunitário alternativo já tem um órgão que procura representá-lo a nível nacional. É a ABRASCA – Associação Brasileira das Comunidades Alternativas, com sede em São Lourenço, no Sul de Minas Gerais, localidade que é a capital do movimento alternativo tupiniquim. A entidade tem um Conselho Geral que é formado por oito grupos comunitários, e sua função, além de congregar as comunidades, é organizar os encontros anuais e regionais, promover cursos e palestras de interesse dos grupos e dar assistência social, médica e espiritual às comunidades que necessitarem.

A ABRASCA publica também o jornal *Comunidade* que está em seu número cinco e tem como objetivo servir como um canal de divulgação do movimento, apesar da falta de dinheiro sempre atrasar as edições.

Nos anos passados a atividade política sempre foi vista pelos adeptos do movimento com certa desconfiança. Na atualidade, com o seu amadurecimento, este preconceito deixou de existir por parte dos pré-aquarianos. É claro que estamos nos referindo à atividade política sadia, a atividade que tenha a ver com a administração da vida das pessoas e não com a politicagem irresponsável e corrupta que a palavra política nos traz à mente.



O Mahatma Gandhi costumava dizer que quem acreditava que religião nada tinha a ver com política não entendia nem de política nem de religião.

O Mahatma Gandhi costumava dizer que quem acreditava que religião nada tinha a ver com política não entendia nem de política nem de religião. Os militantes do movimento alternativo também não separam estas duas coisas fundamentais da vida humana.

Um dos aspectos mais apaixonantes desta articulação é a visão de poder que o pré-aquariano possui. O poder é visto como um mal que corrompe e o movimento alternativo luta pela sua supressão organizando de forma autônoma todas as suas atividades. Não há autoridade central em nada. As instâncias máximas de deliberação do movimento teoricamente seriam os encontros nacionais, mas ninguém é obrigado a concordar ou a obedecer à orientação destes encontros.

É uma outra forma de ver a organização do movimento social que nada tem a ver com as teorias pseudo-revolucionárias e autoritárias sobre vanguarda, partido e direção que chegou a virar moda em alguns momentos da história humana.

Para o movimento alternativo os Estados totalitários que infestam o planeta com as suas ditaduras e os falsos revolucionários que lutam pelo poder para tomá-lo e usá-lo numa pretensa transformação social são duas faces de uma mesma moeda.

A necessidade de transformar o poder, destruí-lo do jeito que está organizado e humanizá-lo construindo novas formas de organização, de auto-gestão não-autoritárias é necessidade primeira

neste mundo conturbado por ditaduras de esquerda e de direita. Walter Vetillo, um dos líderes desta articulação aquariana, costuma dizer que uma das características fundamentais do movimento alternativo é o fato de ser um movimento anárquico.

Os pólos ecológicos do país do futuro

Em Pindorama, o país do futuro cantado na poesia do suicida Torquato Neto musicada por Gilberto Gil, os pólos ecológicos ensaiam transformar-se nas bases de uma nova civilização.

Com o desenvolvimento das comunidades e a sua organização do movimento em entidade nacional, esta expressão política do movimento alternativo desenvolveu um projeto de estabelecer pontos de concentração comunitária; são os chamados pólos ecológicos.

Com este projeto a ABRASCA procura definir áreas geográficas de convergência para o movimento alternativo e orientar as pessoas que procuram sair das cidades e se instalar no campo.

Esta idéia de estabelecer centros geopolíticos de convergência e organizar a procura de terras dos grupos comunitários e alternativos surgiu a partir do projeto ecológico da Bocaina (Minas Gerais) em 1978. O pessoal do núcleo comunitário do Vale das Flores começou a trabalhar no sentido de fazer

com que as áreas vizinhas ao núcleo fossem ocupadas por grupos alternativos que se preocupassem com a conservação ecológica. Desde essa época muita gente passou a adquirir terras na região, dando início a uma grande movimentação comunitária.

Esta foi uma das formas encontradas também para orientar aqueles que se dirigem aos campos no sentido de evitar problemas de especulação com o preço das terras locais.

Procura-se impedir assim a dispersão do fluxo migratório cidade-campo e a ocupação dos pólos por pessoas ou grupos alheios às preocupações ecológicas, como empresas hoteleiras e de turismo ou de exploração agrícola predatória.

Esta iniciativa procura atrair para uma mesma área pessoas interessadas na volta à vida natural e unificá-las sob uma bandeira comum que é o ideal de vida alternativo, o respeito às condições ambientais e à liberdade de cada um.

O movimento alternativo tende a ganhar cada vez maior força, à medida que as pessoas que começarem a integrar estes pólos se articularem e passarem a participar e a interferir na vida política municipal no sentido de impulsionarem mudanças estruturais.

A partir das concentrações das comunidades em volta dos pólos ecológicos a influência do movimento alternativo ganhará fôlego e haverá um crescimento extraordinário em sua área de influên-

cia com a formação de verdadeiros centros de irradiação das novas idéias.

Articulado politicamente, este poder de influência tenderá a crescer fazendo com que o movimento alternativo conquiste grande peso no panorama político do Brasil, impondo assim mudanças estruturais no sistema.

Os exemplos que os alternativos estarão dando também estimulará o homem do campo a retomar a sua vida, que foi modificada quase que completamente com o avanço do capitalismo no campo, o êxodo rural e outros problemas surgidos com o descaso da política agrícola do governo federal.

Os pontos de convergência

O Sul de Minas

O primeiro pólo ecológico e alternativo é no Sul de Minas Gerais. É onde está a capital do movimento alternativo no Brasil: São Lourenço. Este pólo, situado no ponto estratégico próximo ao eixo Rio-São Paulo-Belo Horizonte, apresenta grande potencial hídrico, inclusive águas com poder medicinal, e é cercado por matas e montanhas. Sua altitude média é de mil metros.

A região do pólo é constituída pelas localidades de Caxambu e São Lourenço, e áreas de Aiuruoca,

Liberdade, Itamonte e São Tomé das Letras, chegando até a região de Bocaina de Minas, incluindo as cidades de Visconde de Mauá e Mirantão, onde se localiza o Vale das Flores.

A cidade de São Lourenço é onde existe a maior concentração de atividades alternativas. Lá estão sediadas a ABRASCA e a Associação Brasileira de Medicina Integral – ABMI, esta presidida pelo conhecidíssimo médico naturalista Dr. Márcio Bontempo. Há vários médicos naturalistas estabelecidos na região, também muitos músicos, professores, artesãos e técnicos alternativos, além de grande número de entrepostos, ateliês, restaurantes naturais, grupos espiritualistas e esotéricos, escolas e uma cooperativa.

Em São Lourenço realizam-se também todos os meses os encontros dos médicos pés descalços, que são promovidos pela ABMI e coordenados por Márcio Bontempo. Inspirados nas experiências da China socialista pós-Revolução Cultural, os encontros procuram formar em poucos meses orientadores que tenham condições de dar assistência às comunidades nos campos da medicina preventiva e curativa. É dada uma atenção especial aos métodos da medicina natural e ao uso de ervas medicinais.

Próximo a este pólo está localizada a Comunidade do Vale das Flores. É uma comunidade de pequenos sítios onde estão localizados o Sítio das Flores, o Sítio das Antas, a Comunidade Atma Charya e o Sítio Santa Clara (que trabalha com

um projeto educacional para as crianças do Vale), a poucos quilômetros de Mirantão. Também em Minas, na cidade de Três Marias, localiza-se o Minifúndio do Professor, outra comunidade.

Em Aiuruoca está sendo construída a Estação Porto Cristina, a primeira estação do Projeto Alvorada, idealizada pelo arquiteto Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula (falaremos deste projeto mais adiante).

Ainda em Minas Gerais estão estabelecidas diversas outras comunidades como a Mata da Estiva, em Iguatama, a Fazenda Mãe D'Água – Comunidade dos Sarvas –, em Belo Horizonte, e a Fazenda Praia Formosa, em Entre Rios de Minas.

Chapada dos Guimarães

O segundo pólo de convergência situa-se na Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso, à nordeste de Cuiabá. Neste pólo as comunidades estão se instalando perto da Serra do Atman, onde a altitude está por volta de mil metros com a temperatura oscilando entre 15 e 22°C. A região é rica em matas inexploradas, cachoeiras e riachos. Aqui está instalada a Comunidade Ashram Atmanpur, aos pés da Serra do Atman, na região denominada Aldeia Velha. Há uma cooperativa agrícola e breve começará a ser construída a Estação Porto Celeste do Projeto Alvorada. Próximo a este pólo,

em Mato Grosso, está localizada na cidade de Nobres a Comunidade Comunicampo. Ainda em Mato Grosso, em Campo Grande, no Vale da Ceroula está instalado o Sítio Nova Era. Em Nova Xavantina existem a Comunidade Dharma Kaya e a Comunidade Alternativa Rural e Iniciática Roncador Futura 5.

Chapada dos Veadeiros

O pólo ecológico de número três está localizado na Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Foi nesta região que se instalou a primeira experiência do Projeto Rumo ao Sol, na Fazenda Bona Espero em 1980, no Alto Paraíso.

Próximo a este pólo brevemente estará instalada uma comunidade espírita. Serão 460 alqueires de terras comuns onde conviverão trinta famílias vindas da capital de São Paulo, que trarão consigo 43 crianças abandonadas.

O projeto Alvorada pretende construir próximo a este pólo quatro comunidades-estações celestes: na região norte, perto de Ceres e Rialma, será erguida a Estação Porto Estrela; na região de Rio Verde, na Serra da Paraúna, sul de Goiás, será construída Porto Luzia: ao norte da Chapada dos Veadeiros, perto da cidade de Taguatinga de Goiás, será erguida Porto Maestro; e ao sul da Chapada, e norte do Distrito Federal, perto de São João

da Aliança, será erguida a Estação Porto Aliança. As quatro comunidades já estão com as terras escolhidas e demarcadas.

Chapada Diamantina

Mais ao norte, na Bahia, situa-se o quarto pólo ecológico: é a Chapada Diamantina. Este pólo abrange as regiões de Mucugê e Piatã, a mais ou menos 300 quilômetros do litoral, próximo a Vitória da Conquista. Nesta região o Projeto Alvorada pretende erguer duas estações: Porto Seguro (Vitória da Conquista) e Porto Cristal (Morro do Chapéu, ao norte da Chapada). Aqui também está localizada a Comunidade Terra Mater, na Mata de São João. Em Piatã está também instalada outra comunidade, a Fazenda Meditação. Outras comunidades próximas ao pólo: Nova Flor, em Itapetinga; Comunidade Barreiras, em Salvador; o Sítio Xumungunga e a Comunidade Troncoso, em Porto Seguro; e a Comunidade Itamaraju, na região do mesmo nome.

Casemiro de Abreu

O quinto pólo desenvolve-se a partir de Casemiro de Abreu, onde está localizada a Comunidade Taba Pindorama, no Estado do Rio, passa por

Santa Maria Madalena, a Comunidade Sana e avança até a região de Bom Jardim, próxima a Friburgo. Os núcleos principais estão estabelecidos na Serra do Peito do Pombo, numa altitude média de mil metros. Na cidade de Friburgo está localizada a Comunidade Sítio Pedra Aguda.

Outras comunidades próximas ao pólo: Fazenda Nova Ayodia, em Passos, Fazenda Sertão, em Pedra do Rio, e Comunidade Arca de Noé e Comunidade Base, ambas em Nova Friburgo.

Brasília

O sexto pólo ecológico está situado ao redor da capital da República, incluindo as cidades-dormitório próximas, como Pirenópolis, Olhos d'Água e Guariroba. Nesta região estão instaladas muitas comunidades religiosas e seitas, tais como o Vale do Amanhecer e a cidade Eclética. Em Brasília será erguida a Estação-Escola do Projeto Alvorada, que já tem um terreno doado para essa finalidade; será na entrada de Brasília, quilômetro zero, pela BR Minas Gerais-Distrito Federal.

Aí já estão instaladas a Comunidade de Formosa, a Fundação Comunitária Universalista e Cooperativa Thomaz Printz e a Comunidade Satori. Em Pirenópolis localiza-se a Comunidade da Fazenda Vaga Fogo, e em Olhos d'Água a Comunidade de mesmo nome. Também próximo a este

pólo, no interior de Goiás, na cidade de Ceres, está localizada a Comunidade Maharata e, também na zona rural próxima à Vila de São Patrício, na jurisdição de Rubiatuba, existe a Comunidade Vale das Abelhas.

Serra do Roncador

No Estado de Mato Grosso, próximo à Serra do Roncador, está localizado o sétimo pólo ecológico. Seus centros principais são as cidades de Barra do Garças e Xavantina. Nesta região estão instaladas várias comunidades esotéricas, como o terceiro templo da Sociedade Brasileira de Eubiose, o Monastério Teúrgico do Hierofante do Roncador e o Projeto Rama. Os membros do Monastério, liderados por Udo Oscar Luckner, não comem nem bebem produtos artificiais ou misturados com produtos químicos e acreditam que a Serra do Roncador seria o portal de entrada para um mundo subterrâneo onde residiriam os remanescentes da Atlântida, seriam as cidades de Agartha e Shambalah. Próximas também já estão escolhidas as terras onde será erguida a Comunidade Estação Celeste de Porto Araés, no lado matogrossense de Aragarças (GO), Barra do Garças (MT), ao Sul da Serra do Roncador.

Uma das coisas curiosas na escolha destes pólos ecológicos, e para o qual os pré-aquarianos chamam

a atenção, é o fato destes locais terem se distribuído em torno do paralelo quinze. É que esta região tem sido apontada em vários estudos iniciáticos das Ordens Místicas, e inclusive em profecias como as de Dom Bosco, como sendo a região do planeta onde surgiria uma nova civilização, após a entrada de uma nova Era na vida da humanidade. Outra coincidência é que os pólos foram fixados nas mesmas regiões onde o Projeto Alvorada determinou instalar algumas de suas estações celestes.

O Projeto Alvorada

A Contato — Associação Brasileira de Ufologia Avançada — que é presidida pelo arquiteto Luiz Gonzaga Scortecchi de Paula, é uma sociedade civil que tem como finalidade a construção de doze estações celestes na região central do Brasil.

Luiz Gonzaga é um dos principais divulgadores da ufologia avançada. A ufologia é uma palavra originada do termo UFO, que é a sigla de Unidentified Flying Objects — objetos voadores não identificados, em inglês —, e significa o estudo do fenômeno de avistamentos e contatos com esses objetos. Os seguidores de Luiz Gonzaga utilizam o termo “avançado” para diferenciar a ufologia da Contato da ufologia clássica, que se interessa apenas pela abordagem científica do fenômeno *ovni*. Assim,

para os associados da Contato, a “ufologia avançada” seria um ramo da ufologia que estudaria tais fenômenos do ponto de vista místico.

Luiz Gonzaga advoga a tese de que estão por ocorrer muitas catástrofes, descrevendo muitas visões onde aparecem turbulências climáticas, vendavais, chuvas, secas, inundações, incêndios e terremotos. Segundo ele, estas catástrofes começariam a ocorrer neste final de século, continuando até que a humanidade entre na Era de Aquário, e para atravessar este período crítico a Contato pretende construir doze estações celestes. Seriam comunidades autogeridas e auto-subsistentes localizadas em áreas remotas, cuja altitude é da ordem de mil metros acima do nível do mar. Estas comunidades contarão com habitações, lavoura, oficinas, laboratório, biblioteca, centro de cirurgia, geradores de energia e até um espaçoporto. Tudo deverá estar pronto até o ano de 1987. Nessa época está previsto o isolamento das comunidades; as estradas serão fechadas, pontes desmontadas e o único acesso será feito através de balões ou aeroplanos leves.

Além das estações citadas quando nos referimos aos pólos ecológicos, o Projeto Alvorada pretende implantar mais três estações em Minas Gerais: Porto Felipe, em Montes Claros, ao norte do estado; Porto Príncipe, em Conceição do Mato Dentro, na Serra do Cipó, norte de Belo Horizonte; e Porto Mariza, na Serra da Canastra, em Uberaba,

no sul do Triângulo Mineiro. As duas primeiras já têm o local definido e as demais ainda dependem de escolha de terras.

Outras comunidades

Existem muitas comunidades estabelecidas fora dos pólos até agora delimitados. No Rio Grande do Sul nós podemos citar a Colônia Wallachey, em Novo Hamburgo; a Coolméia de Porto Alegre; o grupo comunitário Rodeio Bonito, de Taquara. No Espírito Santo existe a Comunidade Zen-Budista Camacan, em Ibirapu. Também no Pará existem outras: em Belém há o Sítio Santo Antônio do Juriti, e em Santarém encontra-se a Comunidade Bandeira Branca.

Dentro do projeto de estabelecimento de regiões de concentração comunitária, o movimento alternativo ainda está estudando a definição de mais três pólos ecológicos. Seriam os pólos do Sul da Bahia, abrangendo as cidades de Porto Seguro e Ajuda; o Pólo de Ibiapina, na área do Parque Nacional do Ubajara, no Ceará, e, finalmente, de Barra do Garças, em Mato Grosso.

Uma das maiores preocupações é fazer com que a escolha das regiões que servirão como pólos ecológicos alternativos obedeçam a fatores de ordem estratégica. Conforme o folheto "Pólos Ecológicos" distribuído pela APROBO —

Associação dos Amigos da Natureza dos Vales da Bocaina, com esta finalidade estabeleceu-se alguns critérios para a escolha destas regiões:

— a região deve ser pouco povoada, distante dos grandes centros e com baixo índice de riquezas, áreas com pequenas e médias propriedades;

— ausência de grandes empresas multinacionais e de projetos agropecuários, ou outros de grande porte;

— características climáticas e topográficas razoáveis: locais de montanhas com disponibilidade de água, e clima ameno, boa qualidade da terra, acesso difícil, sem rodovias nas proximidades e ausência de riquezas minerais cobiçáveis;

— grandes áreas disponíveis para a expansão contígua dos núcleos;

— situação e qualidade ecológica favorável (proximidade de Parques Nacionais, Reservas, etc.) oferecendo proteção em caso de catástrofes naturais e nucleares;

— elevado grau de atração espontânea (ambiente natural e atrativo, "boa vibração espiritual", etc.);

— efetivo assentamento de grupos alternativos e comunitários no local há mais de cinco anos, com resultados positivos e em plena expansão.

Para dar uma idéia de como o movimento alternativo vê a sua função no planeta nestes dias críticos, reproduzo algumas palavras do texto de abertura do VI Encontro das Comunidades Rurais,

realizado em julho de 82, com os quais finalizo o presente capítulo: "As perspectivas para os próximos encontros serão de um número cada vez maior de pessoas buscando e procurando saídas, pois vivemos um acentuado processo de sufocação nos grandes centros urbanos. Precisamos com urgência criar e montar a estrutura necessária para segurar a grande barra da falência do sistema, consciente de que nós não podemos alterar o quadro sócio-econômico brasileiro, que é irreversível e atrelado ao poder econômico internacional, mas cabe a nós lançar as sementes de uma nova forma de viver, e lutar para manter vivos os poucos núcleos existentes, que devem vingar como um farol de orientação para dias futuros".

UMA EXPLICAÇÃO ASTROLÓGICA: A ERA DE AQUÁRIO

No presente trabalho algumas vezes eu me referi aos integrantes do movimento comunitário alternativo com o qualificativo de pré-aquariano. Quem não sabe, agora vai entender o porquê do emprego desta palavra.

Grande parte das pessoas que integram o movimento alternativo acreditam que um dos fatores que determinará uma mudança radical na vida da humanidade é a entrada na Era de Aquário, a nova era astrológica. Esta nova Era já vem sendo cantada e divulgada desde o início do movimento da contracultura nos anos 60.

Atualmente estamos no final da Era de Peixes, a Era do Cristianismo, e que compreende o período desde o nascimento de Jesus Cristo até o dia em

que o ingresso do Sol em Áries se dará com o ingresso em direção à constelação de Aquário. Segundo alguns astrólogos e estudiosos do assunto este ingresso em direção à constelação de Aquário começará a se verificar entre os anos de 1996 e 2003. Só quando esta transição ocorrer é que poderemos dizer que estaremos em Aquário.

Atualmente o ingresso em Áries se dá com o Sol voltado em direção à constelação de Peixes, supondo-se assim que estejamos sob a influência deste signo. Por este motivo é que chamamos o período atual de Era de Peixes. Cada era dura mais ou menos 2 160 anos.

Antes da Era de Peixes vigorou a Era de Áries. A transição Áries-Peixes foi marcada com a queda do Império Romano. Foi durante a Era de Peixes que se deram as grandes navegações e descobertas de terras.

A nova Era que se aproxima, segundo os estudiosos do assunto, será a Era da Igualdade, Liberdade e Fraternidade. A humanidade atravessaria uma difícil fase de transição — segundo alguns marcada pelas previsões do Apocalipse de São João e pelas profecias de Nostradamus — mas depois viria uma nova organização da sociedade baseada na fraternidade humana. Seria uma ruptura das estruturas estratificadas da sociedade atual e o início de um processo evolutivo pelo qual os homens tentariam alcançar uma maior perfeição.

A atual articulação do movimento comunitário

alternativo em todo o planeta, com seus novos valores e uma maior conscientização dos indivíduos sobre os problemas que abalam a Terra, é tida pelos estudiosos da astrologia como um sintoma desta mudança que está para acontecer.

Está aí a explicação do que seja o significado da expressão pré-aquariano. Espero ter dado conta do recado.



DESENHANDO UMA ALTERNATIVA ECONÔMICA

Voltando a falar do Brasil, há uma questão que eu gostaria de abordar antes de finalizar o presente trabalho. Trata-se de uma alternativa econômica que começa a se desenhar para o Brasil. Esta alternativa é totalmente impulsionada pelo movimento alternativo.

Nos dias que correm o país encontra-se numa das piores crises de sua história. As opções econômicas que os responsáveis pelo regime de 64 adotaram levaram o Brasil quase que à bancarrota.

Em 1967-68 implantou-se no país um capitalismo selvagem. Com o arrocho salarial destruiu-se um mercado interno que já era pequeno, reduzindo-o assim a setores da classe média e à classe do alto da pirâmide social. Desta forma optava-se por um modelo exportador.

Adotou-se uma política agrícola que incentivava o plantio de produtos exportáveis em grandes extensões de terra em detrimento da pequena propriedade e da policultura. Era o modelo concentrador de renda e propriedade que expulsava os trabalhadores rurais das pequenas propriedades suprimindo a produção de alimentos destinados ao mercado interno.

Quando Médici recebeu o governo da Junta Militar em outubro de 69, o país devia ao exterior US\$ 4,4 bilhões; quando Ernesto Geisel assume o país já devia US\$ 12,5 bilhões; e quando Figueiredo recebe a presidência a dívida já havia chegado a US\$ 43,5 bilhões. Estima-se que atualmente o país esteja devendo cem bilhões de dólares.

Alguns dos maiores erros dos governos que antecederam Figueiredo foram a adoção dos chamados projetos-impacto: a Transamazônica, a ponte Rio-Niterói, a Perimetral Norte, a Ferrovia do Aço, a Hidrelétrica de Itaipu (que destruiu Sete Quedas), Tucuruí, as famigeradas Usinas Nucleares e diversos outros projetos injustificáveis e irracionais, produtos da sociedade do desperdício e do esbanjamento.

Toda esta política concentracionista levou o país à presente situação que, completada com a política econômica recomendada pelo FMI — Fundo Monetário Internacional — e adotada por Delfim Neto e Cia., apresenta uma grave recessão com suas conseqüências mais graves como o desemprego e outros problemas sociais.

Mas dentro desta crise toda, os pré-aquarianos não esperam autorização de nenhum estado ou governo e partem para uma transformação prática das atuais condições de vida.

O movimento comunitário alternativo advoga a volta para o campo e organiza-se para esse fim. Neste sentido posiciona-se contra a política agrícola que incentiva a monocultura e a concentração da propriedade. As comunidades rurais que se instalam são pequenas propriedades que praticam a policultura, e o excedente de produção destes projetos, quando não são colocados nas cidades atendendo à demanda do mercado interno, são comercializados pelas comunidades entre si na base da troca direta.

Por outro lado, nas cidades está surgindo um setor na economia que poderíamos chamar de alternativo, cujo desempenho nesta fase recessiva, comparado ao desempenho dos setores tradicionais, é excelente. É grande a procura pelos produtos agrícolas cultivados de forma natural sem o adubo químico venenoso. No setor de comercialização de alimentos a procura pela alimentação natural aumenta e crescem as empresas alternativas dedicadas ao setor. A cada dia que passa surgem mais mercearias, restaurantes, entrepostos e distribuidores de produtos naturais. Os apicultores vêem a procura do mel aumentar e não conseguem dar conta da demanda. Ao mesmo tempo as pesquisas dos produtos da abelha, como

a própolis, têm seu lugar e desenvolvem-se. A produção editorial dedicada aos mais diversos assuntos alternativos aumenta. Surgem jornais, revistas, livros e boletins. Até um programa de rádio aparece e consegue manter-se no ar. No setor de perfumaria a procura pelos produtos naturais é tão grande quanto no setor de alimentos. Quanto aos remédios, demonstra-se que os chás e ervas medicinais pesquisados, desenvolvidos e comercializados têm mais poderes de cura do que a alopatia com seus produtos químicos comercializados pelas grandes corporações multinacionais. Dentro deste campo cresce também a procura pela homeopatia, pela acupuntura e pela macrobiótica. Na indústria cultural aumenta a produção musical independente, a cada dia que passa é maior o número de discos e fitas lançados pelos grupos independentes que conseguem chegar ao público, furando assim o bloqueio das grandes gravadoras. Proliferam os grupos culturais com propostas alternativas e revolucionárias.

A pesquisa científica das energias alternativas é outra atividade à qual se dedicam diversas pequenas empresas no Brasil; desenvolvem-se coletores de energia solar, geradores eólicos, biodigestores e outros projetos que geram energia de baixo custo.

É óbvio que muitas pessoas dentro deste setor econômico alternativo são oportunistas visando lucro, que descobriram apenas mais um filão de ouro em suas vidas. Mas a tendência é que o

movimento alternativo, com o tempo, consiga separar este joio do trigo e avançar em sua proposta de transformações sociais.

Desta forma os pré-aquarianos estão se organizando em todos os pontos do Brasil. Seminários, encontros, congressos e reuniões acontecem, e discutem-se todas as saídas para a crise que a humanidade atravessa. Exemplo é o recente I Seminário de Cultura e Terapia Alternativas, realizado em Belo Horizonte no início de 83, onde se discutiu inclusive a lixologia, o estudo do lixo e da reciclagem de tudo aquilo que é desperdiçado pela civilização moribunda do segundo milênio.

MINHA CONCLUSÃO

"Imagine que havia guerra e ninguém compareceu."

(John Lennon)

Os "revolucionários" do século XX, de uma forma geral, acabaram por basear as suas expectativas de mudança apenas na produção eficiente e na justa distribuição da renda. E para alcançar esta eficiência de distribuição e produção passaram a confiar na ação regulamentadora do Estado. Raciocinava-se que, da mesma forma que o Estado burguês poderia garantir a ditadura de classe da burguesia, um estado eficiente em mãos de um partido operário daria início à construção do socialismo e garantiria a hegemonia do proletariado.

O socialismo — fase anterior do comunismo segundo os teóricos marxistas — viria através da pla-

nificação da economia realizada por um Estado hipercentralizador comandado por um partido — a vanguarda da classe operária. Eis o grande exemplo que é o “socialismo realmente existente”.

Para o movimento alternativo o Estado não pode ser um agente de mudanças. Muito pelo contrário, pelo seu gigantismo e burocracia, e pelo seu papel de guarda pretoriana das classes privilegiadas, o Estado funciona de forma inversa: impede e combate as transformações criadoras.

Também o desenvolvimento das condições sociais não pode ser obra de uma única categoria econômica. Ainda mais nos dias de hoje, em que significativa parcela do movimento operário está integrada aos sistemas dominantes, seja no Leste ou no Oeste. Os grandes sindicatos “livres” americanos apóiam o imperialismo de seu país e a indústria armamentista e nuclear que lhes dá empregos, da mesma forma os grandes sindicatos oficiais soviéticos apóiam o social-imperialismo russo. Na Inglaterra, na França, na Alemanha e Estados Unidos os sindicatos funcionam única e exclusivamente para manter o alto padrão de vida de uma casta da classe operária em detrimento dos trabalhadores não-especializados e estrangeiros, das mulheres, dos jovens, dos idosos. Para estes novos privilegiados favorecidos com a espoliação do Terceiro Mundo as minorias não existem, as pequenas reivindicações não pesam na balança da luta de classes.

As transformações não podem ser impostas pelas leis decretadas pelo Estado. A sociedade tem de mudar de baixo para cima. Modificando comportamentos e valores estabelecidos é que transformaremos a sociedade até que o Estado — o maldito Leviatã — transmute-se numa parafernália sem sentido, apodrecido e pronto para ser enterrado.

Trabalhar por um salário num serviço alienante durante os dias “úteis”, e consumir mercadorias nos fins de semana não é o essencial da vida. Por que não recusarmos a vender a nossa força de trabalho? Se as necessidades artificiais criadas pela sociedade de consumo nos estão deixando infelizes, por que então aceitá-las? Na medida em que a base da infelicidade é a produção de mercadorias e a sua colocação no mercado, por que não nos colocamos fora das relações mercantis?

Se os impostos recolhidos pelo Estado acabam por financiar a nossa crescente escravidão, então por que pagá-los? Podemos muito bem aprender um ofício, trabalhar quando nos “der na telha”, e trocar o produto do nosso trabalho não-alienante por outros produtos de que necessitamos. A troca direta não recolhe impostos.

Se o sistema nos ordena vestir um uniforme e combater numa guerra que nada tem a ver com a nossa vida, que pode até mesmo destruir o planeta, então por que obedecer? Se a poluição destrói a natureza e nos envenena o corpo, então por que aceitá-la? Se o governo nos quer impor uma identificação obriga-

tória e um controle cada vez mais cibernético em nossas vidas, por que temos de nos registrar? Mahatma Gandhi não queimava os cartões de identificação que o estado sul-africano queria impor às populações não-brancas? Então é possível lutar!

Para isso você não precisa pertencer a nenhuma classe predestinada a transformar o mundo. Foi Rudolf Bahro — militante dos Verdes na Alemanha e autor de *A Alternativa — Para uma crítica do Socialismo Real* — que afirmou: “A sobrevivência é uma questão da espécie, não de classe”.

E se lutar só é difícil, e é mesmo, por que não formar um grupo, uma comunidade, ou então juntar-se a alguma? As comunidades são muitas e aparentemente diferem entre si. São rurais e urbanas; de trabalho, residenciais ou concentram todas estas características; são religiosas, esotérico-ufológicas, místicas; políticas, ou vários outros tipos. É um movimento vivo e que aumenta a cada dia. Este movimento dá-se de uma forma silenciosa. Quantos não diziam que os alternativos eram uma moda que já teria ido para o bebeléu? E eis aqui, de repente, toda esta articulação. Presente para quem estiver disposto a enxergar.

Trabalhando devagar e em silêncio as comunidades proliferam e apontam para uma nova vida. Esboçam uma saída para a crise existencial, espiritual, econômica, social e política a que chegamos na face do planeta Terra.

Atrevemos uma época de alto grau de cons-

cientização dos indivíduos. A sociedade está fervilhando. As pessoas estão se organizando na defesa dos seus direitos e interesses. As mulheres, os negros, os desempregados, os homossexuais, os trabalhadores do campo e da cidade, a juventude da periferia; todos se organizam a olhos vistos. São centenas de organizações ecológicas, dezenas de grupos pacifistas, centenas de comunidades rurais e milhares de outros tipos de entidades.

As comunidades alternativas nascem e crescem. Muitas morrem. Mas, mesmo que efêmeras, a experiência que as pessoas vivenciam é uma coisa irreversível e marca profundamente. Cada pessoa despertada torna-se uma conspiradora da nova Era.

E a rede de conspiradores aumenta e trabalha silenciosamente para a transformação do mundo.

Uma das coisas que mais me fascina no movimento comunitário alternativo é que estes novos revolucionários do nosso tempo não separam mais o interior das pessoas e o exterior, o individual e o coletivo. Não existe mais aquele místico isolado do mundo e só esquentando a cabeça com o seu desenvolvimento espiritual nem aquele militante de esquerda só se preocupando em transformar as relações de produção. Hoje estas duas coisas estão juntas. Não há como se fechar em orações e ignorar o mundo de injustiças à nossa volta. Isso é uma contradição. Assim como não é coerente apenas se preocupar em transformar a superestrutura econômica esquecendo a transformação do interior

do ser humano. E o movimento alternativo de hoje está lutando para transformar a sociedade e o homem. Sem pedir licença a nenhuma vanguarda iluminada está lutando para transformar cada ser humano em autêntico revolucionário que atue em todos os níveis. É um movimento verdadeiramente anárquico e que aglutina em seu seio as mais variadas visões de mundo. É isso aí.



“Imagine que havia guerra e ninguém compareceu.”

INDICAÇÕES PARA LEITURA

Talvez a publicação mais indicada para se encontrar material sobre o tema deste livro seja a *Planeta*, brilhantemente editada por Edenilton Lampião. Nesta revista há uma coluna escrita por Walter Vetillo (“Comunidades em Aquarius”) que traz informações sobre o movimento comunitário alternativo todos os meses. Ver especialmente na *Planeta* nº 120, de setembro de 82, os artigos “Os Caminhos do Velho Mundo Novo” (de Orlando de Oliveira e Walter Vetillo) e “Pólos de Atração – Santuários do Brasil à Espera das Tribos” (de Orlando de Oliveira). Sobre o movimento alternativo europeu existem matérias esparsas publicadas pela grande imprensa, muito poucas mas interessantes. Basta procurar os arquivos dos grandes jornais.

Livros importantes: *Conspiração Aquariana no Brasil e no Mundo ou... O Sonho não Acabou*, de Leila Hakin, edição da autora; e *A Conspiração Aquariana*, de Marilyn Ferguson, Editora Record.

Outra revista importante que veicula informações sobre o movimento alternativo é a *Transe* (ver especialmente a de nº 12, de agosto de 82). Leia também as publicações editadas diretamente por entidades alternativas, como o *Pensamento Ecológico*, que é feito pelo Movimento Arte e Pensamento Ecológico (principalmente o nº 10, que é dedicado às Comunidades Rurais) e o *Informativo Projeto Alvorada*, feito pela Contato. Tem também o *Jornal Comunidade*, feito pela ABRASCA – Associação Brasileira das Comunidades Alternativas. Publicações mimeografadas feitas pelas comunidades: “Aquarius” (da Comunicampo – Caixa Postal 7 – 78250 – Nobres, MT), “Boletim Aurora Espiritual” (da Fraternidade Aurora Espiritual – Caixa Postal 3832 – 20001 – Rio de Janeiro, RJ), “Boletim Comunitário Sol e Terra” (da Comunidade Sol e Terra de Jacarepaguá) e “Boletim dos Sarvas” (da Fraternidade dos Sarvas – Caixa Postal 1722 – 30000 – Belo Horizonte, MG). Existe também um livreto chamado *Com Unidade*, de Edgar Ivo Müller, o Ede, líder da Comunidade Comunicampo. Leia também: *O Negócio é ser Pequeno*, de E. F. Schumacher, (Zahar); *Unidades Rurais de Subsistência*, de Mário Sanchez, (Imery); e *Gênese do Homem Ecológico*, de Michel Odent, (Tao).

Outros livros que tangenciam o assunto: *A República Comunista Cristã dos Guaranis*, de Clovis Lugon (Paz e Terra); *O Anarquismo da Colônia Cecília*, de Newton Stadler de Souza (Civilização Brasileira); *Anarquismo, Roteiro de Libertação Social*, de Edgar Leuenroth (Mundo Livro); *As Comunas Populares*, de Charles Bettelheim (Edições Maria da Fonte – Portugal); *1984*, de George

Orwell (Nacional); *Os grandes escritos ANARQUISTAS*, de George Woodcock (L&PM), *O Apocalipse Interpretado*, de Mário Sanchez (Imery); *O que é Punk*, de Antonio Bivar; *O que é Psiquiatria Alternativa* e *O que é Medicina Alternativa*, de Alan Índio Serrano; *O que é Utopia*, de Teixeira Coelho; *O que é Anarquismo*, de Caio Túlio Costa; *O que é Política Nuclear*, de Ricardo Arnt; *O que é Desobediência Civil*, de Evaldo Vieira; e *Paris 1968 As barricadas do desejo*, de Olgaria C. F. Matos. Estes últimos editados pela Brasiliense. Leia também *Pesadelo Atômico*, de José Lutzenberger (Ched); *Da Ecologia à Autonomia*, de Cornelius Castoriadis e Daniel Cohn-Bendit (Brasiliense); *A Alternativa – Para uma crítica do socialismo real*, de Rudolf Bahro (Paz e Terra); *Revolução Molecular*, de Felix Guattari (Brasiliense); não esquecer das obras de Marcuse, M. Foucault e I. Illich.

Outra fonte de informação valiosa para o presente trabalho foram as fitas do programa “Sociedade Alternativa”, da Rádio Gazeta AM de São Paulo, principalmente os programas sobre grupos pacifistas ((22.10 e 25.12.82), astrologia (1.01 e 19.2.83), comunidades rurais (8.1, 4.6 e 25.6.83), medicina alternativa (15.1.83), imprensa alternativa (22.1.83), crise mundial e brasileira (2.4.83), e sobre o rock e a sua contribuição para a revolução dos costumes (7.5 e 14.5.83).

Existe também amplo material sobre temas que se relacionam com o movimento alternativo, como medicina e alimentação naturais, ufologia, astrologia, escolas iniciáticas, anarquismo, etc.

Biografia

Nasci no bairro do Cambuci desta neurótica São Paulo em maio de 1956.

Ex-bancário do Banco do Nordeste do Brasil (demitido por sua atuação sindical e política), ex-livreiro (quase foi à falência), sou formado em jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero.

Atualmente produzo e apresento o programa de rádio "Sociedade Alternativa", que vai ao ar todos os sábados às 13 horas, pelos 890 kHz da rádio Gazeta AM de São Paulo (SP) — ouça-o porque é um bom programa.

Escrevo a coluna "Anarquismo Vivo" que sai todos os meses na revista *Planeta*, da Editora Três.

Último recado: quem quiser enviar críticas, sugestões, contribuições, etc., é só escrever para a Caixa Postal nº 46015, Agência Saúde, CEP 04199, São Paulo, Capital. As cartas, mesmo ácidas críticas, serão calorosamente recebidas.

"A coleção PRIMEIROS PASSOS aborda temas polêmicos, que permitem diferentes posições e interpretações. Os textos de PRIMEIROS PASSOS são, assim, expressão das idéias dos intelectuais que os assinam, como convites à reflexão, à concordância ou à discordância. Mas sempre enriquecem e explicam."



ANTROPOLOGIA DO COTIDIANO da periferia à Indústria Cultural

A POLÍTICA DOS OUTROS — O Cotidiano dos Moradores da Periferia e o que Pensam do Poder e dos Poderosos

Teresa Pires do Rio Caldeira

A história de um bairro da periferia de São Paulo e de seus moradores, mostrando como se formou esse pedaço da cidade onde tudo é precário e quem são seus habitantes, que idéias têm da política, como vivem — ou sobrevivem — junto com seus familiares.

TESTEMUNHA OCULAR — Textos de Antropologia Social do Cotidiano
Diversos Autores

Os cinco ensaios reunidos neste livro são o resultado da aplicação da teoria antropológica moderna a algo familiar: a imagem do índio no livro didático, o conceito de valor de uso em confronto com os produtos da Souza Cruz, imagens da educação, a festa de Natal e um caso homossexual.

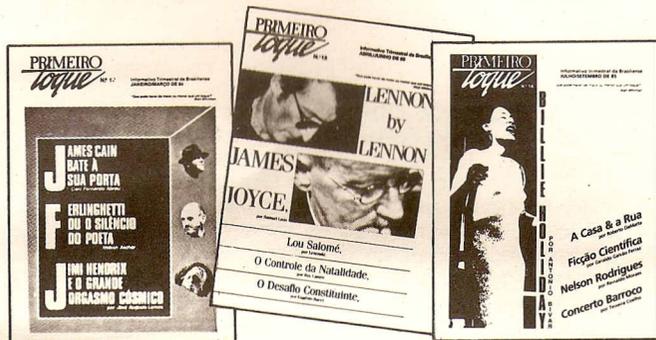
ANTROPOLOGIA DO CINEMA — Do Mito à Indústria Cultural
Massimo Canevacci

A partir da busca do "espírito do cinema", dos seus mecanismos de reprodução de estereótipos, e de toda mitologia que o cerca, o autor lança nova luz sobre a questão da indústria cultural no capitalismo.

Que pode haver de maior ou menor que um toque?

W. Whitman

VOCÊ CONHECE O PRIMEIRO TOQUE?



PRIMEIRO TOQUE é uma publicação com crônicas, resenhas, comentários, charges, dicas, mil atrações sobre as coleções de bolso da Editora Brasiliense. Sai de três em três meses.

Por que não recebê-lo em casa? Além do mais, não custa nada. Só o trabalho de preencher os dados aí de baixo, selar recortar, e pôr no correio.

NOME:

END.:

BAIRRO: FONE:

CEP: CIDADE: EST.:

PROFISSÃO: IDADE:

editora brasiliense s.a.

01223 - r. general jardim, 160 - são paulo

Carlos A. P. Tavares

O que são **COMUNIDADES ALTERNATIVAS**

“Alguma coisa está acontecendo.” São as comunidades alternativas que surgem, crescem e propagam uma nova maneira de viver. Valores totalmente novos, muito diferentes daqueles herdados pela civilização industrial. São os jovens que se marginalizam, recusando-se a participar de um mundo falido, violento e prestes a implodir. São os jovens que iniciam um trabalho de construção de uma sociedade alternativa; a sociedade de nossos sonhos.

CAPA: © Forster Brehm Fotografia

**Digitalizado e socializado pelo Grupo de Estudos Anarquistas do Piauí
(GEAPI)**



<http://anarquistas-pi.blogspot.com>

ANARQUIA É LUTA!